

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

**A RELAÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COM OS TRAÇOS
PATOLÓGICOS DE PERSONALIDADE**

Discente

William Hiody Schmidt Nagae

Orientadora

Orientadora: Profa. Dra Monalisa Muniz Nascimento.

São Carlos

2021

**A RELAÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COM OS TRAÇOS
PATOLÓGICOS DE PERSONALIDADE**

William H. S. Nagae

Discente

William Hiody Schmidt Nagae



Orientadora

Profa. Dra. Monalisa Muniz Nascimento

São Carlos

2021

A Relação da Inteligência Emocional com os Traços Patológicos de Personalidade

William H. S. Nagae¹ e Monalisa Muniz²

¹ Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP

² Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos

- SP

Title: The Relationship Between Emotional Intelligence with Pathological Personality Traits.

Abstract: The Emotional Intelligence (EI) is defined as the ability of perceiving, using, understanding and managing emotions. It has been studied by several researchers for more than 30 years. For a further insight into EI and how it relates to other constructs, one of the research lines is dedicated to Personality. Although the studies are recurrent with personality traits, there is a lack of correlations with personality disorders. Thus, the objective of the current study is to investigate the relationship between the EI and the pathological personality traits. In this study, 101 adults of both sexes participated of this research and answered two online questionnaires that measure EI. Both are part of the Bateria de Inteligência Emocional. One of them is related to emotional perception and the other one is related to emotional regulation. The Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – II was also used to check pathological personality traits. The results obtained revealed that the large majority of them are in agreement with literature, that also indicates the presence of significant, weak and negative correlations between pathological traits and EI. This research also endorses the previous hypothesis of the literature about the existence of a bivalent influence between the EI, pathological traits and personality disorders. In conclusion, as a result of the gap of previous studies, more researches are expected to continue studying about that relationship, and it is expected that this study contributes to future discussions.

Key words: emotional intelligence; personality disorders; personality assessment

Título: A Relação da Inteligência Emocional com os Traços Patológicos de Personalidade.

Resumo: A Inteligência Emocional (IE) é definida como a habilidade de perceber, utilizar, compreender e gerenciar as emoções, e tem sido estudada por diversos pesquisadores há mais de 30 anos. Diante disso, para a melhor compreensão da IE e de como se relaciona com outros construtos, uma das linhas de investigação é com a Personalidade. Embora os estudos sejam recorrentes com traços de personalidade, a verificação da relação com os transtornos de personalidade ainda é escassa. Logo, o objetivo deste estudo é verificar a relação entre a inteligência emocional e os traços patológicos de personalidade. Para isso, 101 adultos, de ambos os sexos, participaram da pesquisa e responderam de forma online a dois questionários de inteligência emocional que fazem parte da Bateria de Inteligência Emocional, um relacionado à percepção e o outro à regulação emocional, e ao Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – II que mapeia os traços patológicos de personalidade. Os resultados obtidos, em grande maioria se mostra de acordo com a literatura, que também aponta a presença de correlações negativas, significativas e fracas entre os traços patológicos e a IE. Essa pesquisa também endossa a hipótese já existente na literatura acerca de uma influência de dupla-via entre a IE e os traços patológicos e transtornos de personalidade. Por fim, em virtude da ausência de um escopo robusto de literatura prévia, espera-se que mais estudos deem andamento à investigação desta relação e que a presente pesquisa contribua para as discussões futuras.

Palavras-chave: inteligência emocional; transtornos de personalidade; avaliação da personalidade

Sumário

Resumo.....	09
Introdução.....	13
Objetivos.....	29
<i>Objetivos gerais</i>	29
<i>Objetivos específicos</i>	29
Método.....	30
<i>Participantes</i>	30
<i>Materiais</i>	30
Procedimento.....	34
Análise de Dados.....	35
Resultados.....	37
Discussão.....	65
Considerações Finais.....	81
Referências.....	83
Anexos.....	93

Índice de Figuras e Tabelas

<i>Figura 1</i> - Modelo sintetizado por Costa (2020), acerca das atualizações no modelo das quatro facetas hierárquicas baseado na teoria de Mayer et al., (2016).....	20
<i>Tabela 1</i> - Descrição das definições das dimensões do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade-2 - Carvalho & Primi, 2018 (p.27).....	33
<i>Tabela 2</i> - Estatística descritiva dos instrumentos.....	38
<i>Tabela 3</i> - Dimensão Dependência e Fatores.....	41
<i>Tabela 4</i> - Dimensão Agressividade e Fatores.....	42
<i>Tabela 5</i> - Dimensão Instabilidade de Humor e Fatores.....	43
<i>Tabela 6</i> - Dimensão Excentricidade e Fatores.....	44
<i>Tabela 7</i> - Dimensão Necessidade de Atenção e Fatores.....	44
<i>Tabela 8</i> - Dimensão Desconfiança e Fatores.....	45
<i>Tabela 9</i> - Dimensão Grandiosidade e Fatores.....	46
<i>Tabela 10</i> - Dimensão Isolamento e Fatores.....	47
<i>Tabela 11</i> - Dimensão Evitação a Críticas e Fatores.....	47
<i>Tabela 12</i> - Dimensão Autossacrifício e Fatores.....	48
<i>Tabela 13</i> - Dimensão Conscienciosidade e Fatores.....	49
<i>Tabela 14</i> - Dimensão Inconsequência e Fatores.....	50
<i>Tabela 15</i> - Síntese dos resultados das correlações gerais.....	51
<i>Tabela 16</i> - Correlação entre o fator PESi_1 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.....	53
<i>Tabela 17</i> - Correlações entre o fator PESi_2 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.....	54

<i>Tabela 18</i> - Correlações entre o fator PEOu (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.....	55
<i>Tabela 19</i> - Correlações entre o fator PES_TT (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.....	55
<i>Tabela 20</i> - Correlações entre o fator RE_T1 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.....	56
<i>Tabela 21</i> - Correlações entre o fator RE_T2 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.....	57
<i>Tabela 22</i> - Correlações entre o fator RE_TT (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.....	59
<i>Tabela 23</i> - Compilação dos dados significativos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2 ao separar por sexo.....	60
<i>Tabela 24</i> - Compilação dos dados significativos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2 ao separar por idade.....	63

Introdução

A inteligência humana constantemente é alvo de estudos sobre seu desenvolvimento, funcionamento e sua interação com diversos outros aspectos inseridos no contexto do indivíduo, tais como os fatores socioeconômicos e culturais, se configurando também como um dos construtos mais estudados pela ciência psicológica (Butcher, 1972; Candeias et al., 2008; Sternberg, 2000). Diante disso, muitos estudos e teorias foram construídos para tentar explicar como ocorre esse desenvolvimento, a definição e o que se pode entender como inteligência. De maneira geral e sucinta, ainda que existam diferentes concepções do construto, a inteligência é definida como a habilidade para se adaptar voluntariamente, para moldar ou selecionar um ambiente (Sternberg, 2018).

Embora a maioria dos pesquisadores adotem esse conceito de inteligência (ou variações deste), existem diferentes formas de se avaliar e estudar as habilidades cognitivas. Esses métodos podem ser agrupados em três categorias, o primeiro diz respeito ao Enfoque experimental, que busca a compreensão do funcionamento da inteligência, utilizando como base as operações do sistema cognitivo, como atenção, percepção e abstração; o segundo método corresponde ao estudo através do Enfoque evolutivo, que se concentra na maneira como a inteligência é constituída em função do processo de crescimento e do desenvolvimento ontogenético. E por fim, o Enfoque diferencial, que tem como objetivo identificar as aptidões e capacidades cognitivas que configuram a singularidade do sujeito quanto ao rendimento cognitivo, método pelo qual propiciou o surgimento das teorias psicométricas a partir do enfoque no estudo empírico da inteligência, e que inclui a teoria Cattell-Horn-Carroll (CHC) (Laros, Valentini, Gomes & Andrade, 2014, p. 17).

Ao pensar em um modelo estrutural da inteligência, o mais aceito trata-se do CHC das habilidades cognitivas (Primi, 2003). O modelo CHC segue uma organização baseada em uma estrutura fatorial hierárquica, distribuída em três estratos que auxiliam de maneira efetiva, a organização e a compreensão das dimensões da inteligência (Seabra, Laros, Macedo & Abreu, 2014). O estrato III, mais amplo, possui uma única dimensão geral, o fator g. O estrato II é composto, atualmente, por 16 dimensões amplas, denominadas de capacidades, tais como a inteligência fluida e a inteligência cristalizada, termos esses que foram utilizados durante muito tempo, mas que agora dão lugar à nomenclatura atual: raciocínio fluído e compreensão-conhecimento (Schneider & McGrew, 2018). E o estrato I, corresponde às habilidades específicas da inteligência, que formam cada capacidade, por exemplo, o raciocínio indutivo (um dos componentes da habilidade do raciocínio fluído) e a velocidade de escrita (um dos componentes da habilidade de velocidade psicomotora) (Schneider & McGrew, 2018).

McGrew e Flanagan (1998) têm apresentado essa construção do CHC baseada em pesquisas que utilizam testes cognitivos. A partir das atualizações dos estudos feitos na área da inteligência, dimensões e fatores foram adicionados e extraídos do modelo. Um construto que ultimamente tem sido trabalhado como capacidade de inteligência, é a inteligência emocional, entretanto, embora ainda não conste no modelo CHC devido às incertezas do construto e sua relação com as outras capacidades cognitivas (Miguel et al., 2013; Primi, 2003). No entanto, recentemente a inteligência emocional foi incorporada de maneira temporária ao modelo por ter sido constatado na literatura dados científicos promissores para uma inserção ao modelo de maneira definitiva em futuras reorganizações do CHC, mas isso dependerá de mais comprovações empíricas (Schneider & McGrew, 2018).

Os estudos buscando comprovar a inteligência emocional como uma capacidade da inteligência são constantes e alguns mostram empiricamente que esse tipo de inteligência se insere na estrutura CHC como um fator adicional do segundo estrato do modelo CHC de inteligência. Com o intuito de averiguar essa questão, MacCann, et al. (2014), realizaram uma pesquisa em estudantes universitários estadunidenses através de uma bateria de testes compostas pelo MSCEIT e testes cognitivos (no estudo foram coletadas demais informações, mas que não fizeram parte deste artigo de 2014). Com base em seus resultados, apontaram que as tarefas que envolvem o processamento de informações emocionais, além de estarem relacionadas com algumas capacidades já existentes, podem constituir um grupo distinto e separado dos outros fatores de inteligência e que, portanto, a teoria CHC poderia ser adaptada para incluir a IE dentro do modelo hierárquico.

Uma replicação deste estudo de 2014 foi feita por Evans, et al. (2020), na qual utilizaram instrumentos diferentes para avaliar os mesmos fatores da IE, e obtiveram resultados que estavam de acordo com os resultados originais – isto é, acerca da IE enquanto habilidade ser considerada um segundo estrato do modelo CHC. Essa constatação corrobora com as evidências prévias e fortalece ainda mais os resultados obtidos, pois indica que os resultados estão atrelados ao construto e não que ocorram devido aos instrumentos utilizados. Há menção também de que os fatores da compreensão, percepção e gerenciamento de emoções estão devidamente estruturados dentro da hierarquia do modelo. Além desses resultados promissores observados na pesquisa de MacCann et al. (2014) e Evans et al. (2020), outros estudos realizados com essa mesma finalidade de mostrar que a inteligência emocional deveria ser incorporada ao modelo CHC, propõem o reconhecimento emocional como uma das capacidades do conhecimento específico (Gkn) (Miguel et al., 2013).

Ao encontro dos estudos anteriores, Schneider e McGrew (2018), recentemente fizeram propostas acerca de atualizações no modelo CHC, bem como o estabelecimento de critérios, de maneira transparente, para que novas habilidades sejam adicionadas ao modelo CHC. Os critérios descritos são de que o conteúdo dessas habilidades estejam definidos de maneira clara; que o novo construto seja mensurável com testes de desempenho e com outros diversos tipos de testes; que os resultados do novo construto demonstrem validade convergente e divergente; resultados da nova habilidade devem demonstrar validade incremental sobre medidas de construtos mais estabelecidos; o novo construto deve ser relacionado à funções neurológicas específicas e por último, que a nova habilidade esteja relacionada de forma plausível às funções que auxiliaram os humanos a sobreviver e reproduzir.

Como apontado anteriormente sobre a inserção temporária da inteligência emocional ao modelo CHC, Schneider e McGrew (2018) ainda salientam que a inteligência emocional (Gei), está de acordo com os critérios para estar inserida de maneira temporária no modelo CHC, ao lado de outras habilidades como os processamentos olfativos (Go), tátil/háptico (Gh), cinestésico (Gk), habilidades psicomotoras (Gp) e a velocidade psicomotora (Gps). Para garantir em definitivo sua adição ao modelo CHC, os autores, embora salientem a quantidade de evidências científicas que sugerem a validade da inteligência emocional, apontam a necessidade de mais estudos de validade convergente e discriminantes, que mostrem através de uma análise fatorial de diversas habilidades cognitivas, que as medidas de inteligência emocional são distintas de outras habilidades.

Devido aos resultados consistentes obtidos pela pesquisa de MacCann et al. (2014), e Schneider e McGrew (2018) inclinaram-se a expandir o papel da inteligência emocional na teoria CHC. Pelo fato apontado da inteligência emocional ser muito promissora para

atender os requisitos previamente citados, a maioria já atendidos, os autores pontuam que outros pesquisadores independentes possam desenvolver novas medidas que se relacionam com a IE. Ademais, as medidas da habilidade da percepção emocional, um dos componentes da IE, são as que mais atendem a esses critérios, embora diversas medidas de outros componentes, tais quais a compreensão emocional e a regulação emocional também cumpram esse papel.

O conceito de inteligência emocional foi descrito primordialmente por Salovey e Mayer (1990), e pressupõe que exista uma relação entre a emoção e inteligência. Uma das primeiras pesquisas empíricas relacionadas ao construto foi feita por Mayer, et al. (1990), e teve como objetivo estudar empiricamente a habilidade de percepção de conteúdos afetivos. Os autores encontraram evidências de que em indivíduos saudáveis, a habilidade de perceber emoções em estímulos visuais era similar à habilidade de percepção das emoções alheias. Conforme também previsto, segundo os resultados, a habilidade de extrair informações emocionais de faces, cores e desenhos abstratos foi relacionada à empatia - a empatia necessita identificar precisamente as respostas emocionais alheias. E concluem que os resultados obtidos sugerem que os aspectos da inteligência emocional demonstram ser habilidades que podem ser medidas através da apresentação de tarefas ao indivíduo.

Inicialmente, o conceito era atrelado à uma classe pertencente à Inteligência Social, cujos componentes seriam a discriminação e monitoramento dos sentimentos em si e nos outros e na utilização da informação para conduzir o pensamento e as ações condizentes com a situação (Salovey & Mayer, 1990). Ao final da década de noventa, a inteligência emocional foi definida como a capacidade de empregar o raciocínio sobre as emoções, com a análise do contexto e do caráter afetivo da relação do indivíduo com si próprio e

para com os outros, a fim de regular seus comportamentos de maneira coerente (Miguel et al., 2015).

Mayer e Salovey (1997) definem o construto por quatro principais processos psicológicos, que são organizados em níveis de complexidade dos mais rudimentares aos mais complexos. O primeiro é chamado de Percepção emocional e está relacionado à forma como avaliamos, expressamos e compreendemos as emoções. Também faz referência à forma como compreendemos e identificamos as emoções em si mesmos e nos outros através das expressões faciais, linguagem e comportamento, além de possibilitar o discernimento de expressões falsas e verdadeiras.

Os autores definiram o segundo tópico como a capacidade de utilizar as emoções como facilitadora do pensamento. Está relacionada à forma como o pensamento é direcionado para situações nas quais exista uma prioridade designada pelas emoções, e como auxilia o julgamento de problemas baseado no estado emocional de si próprio e dos outros. O terceiro é denominado como Compreensão das emoções, que é responsável pela compreensão de emoções complexas, além de avaliar as situações que são sugestivas ao eliciamento de emoções. E o último nível é chamado de Administração das emoções, o conceito se refere ao manejo das emoções alheias e próprias com o intuito de se obter um resultado desejado, além de avaliar situações nas quais são úteis e nas que são desnecessárias.

No que diz respeito à retomada da definição do conceito da IE, Mayer, et al. (2016), propuseram atualizações no modelo de Mayer e Salovey (1997), e agora este inclui mais instâncias e formas específicas de como se procede a resolução de problemas. Os autores também sugerem que embora a inteligência emocional fosse apontada em trabalhos anteriores como similar à inteligência social, a IE é classificada em seu estudo mais

recente, como pertencente a um grupo de “inteligências emergentes”, nas quais também se encontram incluídas nesse novo grupo a inteligência pessoal e a inteligência social.

Neste artigo de Mayer et al. (2016), as atualizações no modelo de quatro facetas hierárquicas correspondem, de maneira sucinta: adições de habilidades; distinção entre os conteúdos referentes à resolução de problemas e dos conteúdos que se referem à estrutura das habilidades humanas pertinentes à inteligência emocional; relação da inteligência emocional com outras inteligências; averiguação das principais características envolvidas na resolução de problemas e distinção de maneira mais precisa das áreas de resolução de problemas e das áreas de habilidades mentais humanas. Para melhor compreensão da modificação na definição das quatro facetas hierárquicas em relação as habilidades que as compõem, Costa (2020) sintetizou as informações contidas no artigo de Mayer et al. (2016), conforme a Figura 1.

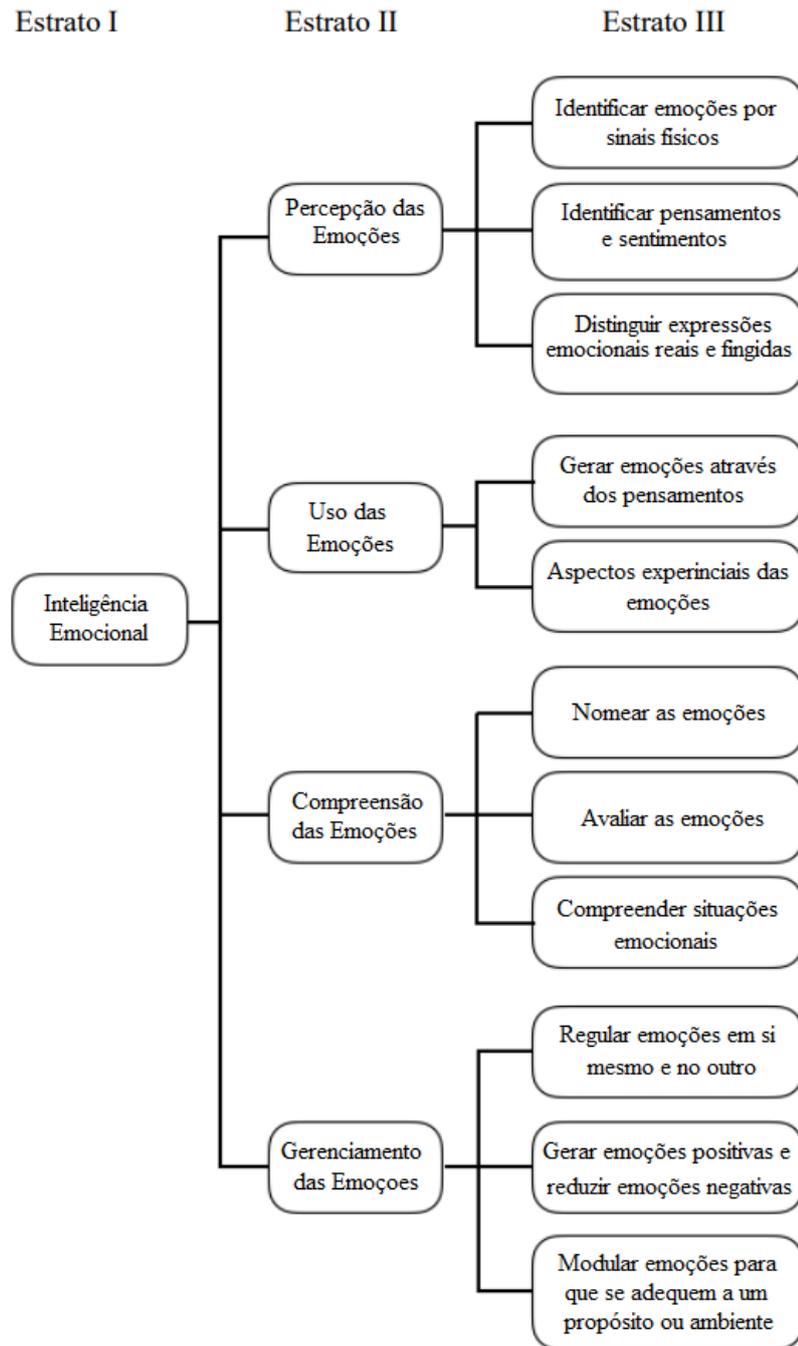


Figura 1. Modelo sintetizado por Costa (2020), acerca das atualizações no modelo das quatro facetas hierárquicas baseado na teoria de Mayer et al., (2016).

Com o crescente avanço de estudos sobre IE, recentemente, pesquisas têm retomado tópicos importantes acerca da IE com o intuito de esmiuçar as relações presentes entre a IE e outras variáveis. Alguns dos estudos que buscam a compreensão

dessas relações, apontam que uma IE bem desenvolvida apresenta correlações significativas e positivas com uma melhor saúde, bem como possui papel preventivo para a saúde mental ao decorrer dos anos (Dawda & Hart, 2000; Delhorn et al., 2017; Martins et al., 2010).

Ao decorrer desses estudos acerca da IE, outros autores surgiram gradualmente com a proposta de que esse construto estaria relacionado à personalidade e que seria um traço da personalidade. As pesquisas sobre inteligência emocional apresentam nuances acerca da definição do construto, uma vez que os estudos sobre IE, ora a definam e utilizam a IE enquanto modelo cognitivo, ora enquanto traço de personalidade. A associação da IE a cada um destes dois modelos pode estar relacionada com o tipo de instrumento utilizado nas pesquisas (Mattews et al., 2004; Petrides e Furnham, 2000; Roberts et al., 2002; Vieira-Santos et al., 2018). Enquanto avaliada pelo desempenho, isto é, com respostas certas e erradas, os resultados obtidos tenderão a estarem associados ao modelo cognitivo da inteligência, porém, a avaliação com base no autorrelato comumente está relacionada aos traços de personalidade, que diz respeito a autopercepção que as pessoas têm de si mesmas, corroborando para a não-compatibilidade com os dados reais (Woyciekoski & Hutz, 2010).

Uma proposta para atenuar essa confusão conceitual, segundo Petrides e Furnham (2001), seria conceituar a IE de duas formas distintas com base no tipo de instrumento utilizado para a medição. Através do autorrelato avaliariam uma série de habilidades relacionadas à percepção de si próprio e as tendências comportamentais e as medidas baseadas em desempenho avaliariam habilidades relacionadas ao processamento de informações com conteúdo afetivo e emocional. Um estudo de 2009 (Gardner & Qualter, 2009), por exemplo, utilizou ambas as formas conceituais de IE, ora como traço e ora como habilidade, para verificar sua relação com o transtorno de personalidade Borderline.

Para isso, utilizou-se instrumentos diferentes para cada um dos modelos de IE, isto é, para o modelo cognitivo, os autores utilizaram instrumentos de avaliação de desempenho, enquanto que para o modelo de traço, utilizaram instrumentos de autorrelato. Resultados diferentes foram encontrados, quando a relação de IE e Borderline foi correlacionada com o traço de IE, obteve-se uma correlação negativa, mas consistente. Ao ser feita a correlação utilizando a IE como habilidade obteve-se uma correlação negativa, porém modesta.

De maneira geral, diante de tais questionamentos, pesquisas têm demonstrado que embora existam correlações significativamente elevadas com traços de personalidade e baixas com outras medidas de raciocínio, ao utilizar métodos de autorrelato entende-se que uma capacidade cognitiva não deveria estar atrelada a um traço da personalidade (Miguel *et al.*, 2015). Os resultados de estudos que avaliam a IE nos quais as medidas de autorrelato em média são mais elevadas, quando comparadas com os das medidas de desempenho, sugerem que os indivíduos possam superestimar as suas competências emocionais (Goldenberg *et al.*, 2006; Costa & Faria, 2014). Tal constatação, de maneira geral é presente na literatura (Fiori, 2009; Roberts *et al.*, 2010; Mayer *et al.*, 2011; Rivers *et al.*, 2008; Woyciekoski & Hutz, 2010) e desta forma, tem sido sugerida a avaliação da inteligência emocional por testes que avaliassem o desempenho para averiguar se a inteligência emocional se situaria no campo da personalidade ou das inteligências (Miguel *et al.*, 2015).

Outros estudos têm demonstrado resultados que já eram previstos pela literatura, no qual enfatizavam que escalas de autorrelato de IE estão mais relacionadas com escalas de personalidade do que com medidas de IE que avaliam o desempenho, e que não seria adequado medir a IE por meio de escalas de autorrelato (Bastian *et al.*, 2005; Woyciekoski & Hutz, 2010). Além disso, pesquisas demonstram que a relação entre os testes de

desempenho com traços de personalidade é baixa ou inexistente, e que os testes por autorrelato de IE seriam melhor definidos como inventários de personalidade (Brackett & Mayer, 2003).

Para averiguar a inteligência emocional, compreendida como uma capacidade cognitiva, testes psicométricos de desempenho são amplamente utilizados. Mayer, Salovey e Caruso (2002) propuseram uma teoria para a avaliação da inteligência emocional que consistia na proposta da utilização de testes que avaliassem situações-problemas relacionadas às emoções, e através desses instrumentos, seria possível avaliar as habilidades relacionadas à inteligência emocional.

O presente trabalho irá utilizar o construto teórico da inteligência emocional como capacidade cognitiva, sendo compreendida como um processo cognitivo que pode ter associações com traços de personalidade, mas não é considerado como um desses, e sim como uma capacidade da inteligência. Nas pesquisas apontadas anteriormente, que investigaram a relação da IE e personalidade para verificar se a IE é ou não um traço ou uma capacidade cognitiva, observa-se diferentes resultados a depender do modelo teórico e tipo de instrumento utilizado. Entretanto, observa-se pesquisas com o construto da personalidade, mas não com a variável dos transtornos de personalidade.

Ademais, é possível que haja uma correspondência entre os conceitos e uma influência de dupla-via, à medida em que habilidades circunstanciais e necessárias para a inteligência emocional, tais como, as capacidades de compreender, perceber e gerenciar, caso não sejam desenvolvidas adequadamente ou fiquem comprometidas, poderiam potencializar o surgimento dos traços patológicos e transtornos de personalidade, ou agravar os sintomas, de modo a contribuir para a permanência destes. Assim como também haveria a possibilidade de que uma vez presente os traços patológicos de personalidade, as habilidades relacionadas à inteligência emocional não seriam bem

desenvolvidas ou poderiam ter essas habilidades regredidas em certo grau. Ou seja, no presente trabalho não será identificado se a IE tem relação com personalidade e por isso pode ser ou não, a depender dos resultados, um traço. A presente pesquisa entende que ainda há muito a se estudar sobre IE e personalidade no sentido de verificar a relação entre esses construtos, contudo não para dizer se são ou não os mesmos construtos, mas para averiguar se alguma capacidade da IE pode estar associada a algum traço de personalidade ou transtorno e entender se contribui ou não com aquele traço ou transtorno.

O conceito de personalidade pode ser entendido como um conjunto de características inter-relacionadas, constantes, em sua maioria não-conscientes e quase automáticas que se apresentam de acordo com um padrão, além de serem manifestadas em ambientes típicos de um determinado organismo e de maneira dinâmica no indivíduo, podendo influenciar o seu comportamento e seus pensamentos característicos (Allport, 1937). Outra definição, mas semelhante a mencionada anteriormente, considera a personalidade como um reflexo das características mais perceptíveis do indivíduo, visível ao outro espectador, e também diz respeito a padrões de comportamento e atitudes que são comuns de um indivíduo, ao mesmo tempo em que se diferenciam dos demais indivíduos e são constantes (Hall et al., 2000).

O caráter único de cada personalidade pode implicar na adaptação ou não do indivíduo ao meio, uma vez que uma manifestação saudável da personalidade pode fazer com que o indivíduo lide melhor com os empecilhos do cotidiano, enquanto que as manifestações menos eficazes podem trazer desregulação do indivíduo ao meio e caracterizar uma manifestação patológica da personalidade. Caso o funcionamento inadequado da personalidade de um indivíduo traga prejuízos significativos para sua vida, entende-se que o sujeito é acometido por um transtorno de personalidade. Logo, o construto se refere aos diversos estilos ou padrões em que a personalidade está

desregulada ou mal adaptada frente ao ambiente contextual do indivíduo (Carvalho, 2008). Os transtornos de personalidade, portanto, se referem a um padrão de cognições, emoções, motivações e comportamentos relacionados entre si que são desadaptativos e trazem prejuízo ao indivíduo (Wellausen & Oliveira, 2016).

Nesse presente trabalho, serão utilizadas as definições de personalidade utilizadas por Theodore Millon (1979) e que também embasam o IDCP-2 (Inventário Dimensional Clínico da Personalidade-2) de Carvalho e Primi (2019), que será utilizado na presente pesquisa. Theodore Millon (1979), buscou compreender um dos conceitos mais antigos e representativos da Psicologia, que se trata da personalidade, bem como as patologias que acometem à personalidade, e a partir disso formulou uma teoria de aprendizagem biopsicossocial e de patologia envolvidas. A personalidade para Millon corresponde a uma forma de funcionamento intrínseca, que é oriunda de fatores determinados pelo desenvolvimento biopsicossocial. Nessa teoria, a personalidade é descrita através de estilos, que representam as formas de interação do organismo com o ambiente. Quando essas formas de interação se mostram escassas, ou com pouca diversidade no uso de estratégias, ou até mesmo a baixa resistência a fatores estressores, podem ser caracterizados como sinais de um padrão de personalidade patológico (Alchieri et al., 2005).

O IDCP-2 avalia a personalidade através de doze dimensões que são constituídas por fatores de traços patológicos da personalidade. A análise destes traços podem contribuir para a avaliação e diagnósticos dos Transtornos de Personalidade (TPs) e também se relacionam da seguinte forma: Dependência (TP dependente), Agressividade (TP sádica), Instabilidade de humor (TP Borderline), Excentricidade (TP esquizotípica), Necessidade de Atenção (TP histriônica), Desconfiança (TP paranoide), Grandiosidade (TP narcisista), Isolamento (TP esquizoide), Evitação a críticas (TP evitativa),

Autossacrifício (TP masoquista), Conscienciosidade (TP obsessivo-compulsivo) e Inconsequência (TP antissocial) (Carvalho & Pianowski, 2020). Entretanto, o instrumento não tem como objetivo apontar a presença ou ausência de determinado transtorno da personalidade, e sim de mapear traços de personalidade patológicos (Carvalho & Primi, 2019). Para esse devido fim, os autores do inventário recomendam a aplicação do IDCP Triagem (Carvalho & Primi, 2019), mas que neste estudo não foi utilizado.

Embora o inventário em questão seja voltado para a obtenção de informações da personalidade para mapear os traços patológicos da personalidade dos indivíduos, somente o IDCP-2 ou até mesmo o IDCP Triagem não podem servir de embasamento para aferir a presença de um diagnóstico positivo ou não para os transtornos da personalidade. Os instrumentos contribuem para a obtenção de um recorte de informações dos indivíduos que precisam ser contextualizados e somados à outras formas de avaliação do sujeito (Hutz, 2015). Logo, este estudo não tem como objetivo apontar a existência ou não de traços patológicos e/ou transtornos psicológicos na amostra, mas analisar e observar de que maneira os traços patológicos estão relacionados com os transtornos patológicos e a inteligência emocional.

Para esta presente pesquisa, foi realizada uma revisão sistemática da literatura acerca da relação entre *inteligência emocional e transtornos de personalidade* que compreende o período de publicação de artigos entre 1990 até 2020. A revisão foi realizada entre os dias 08/12/2020 até o dia 10/12/2020, com as seguintes palavras-chave: *inteligência emocional e transtornos de personalidade*. Com base nisso, teve-se como resultado 2.878 artigos dos seguintes bancos de dados: *PUBMED, Psycnet, PsycInfo, Web of Science, Scopus, LILACS, Portal Periódico Capes, Scielo*. Desses artigos, apenas 18 estudos eram relacionados, de fato, à temática (vide anexo IV).

Alguns desses estudos resgatados, que datam da última década têm mostrado que existem evidências de correlações negativas baixas à moderadas entre a inteligência emocional e alguns dos transtornos de personalidade, tais como Psicopatia e Transtorno de Personalidade Borderline, quando utilizado o conceito de IE tanto como autorrelato que avaliam traços, tanto como desempenho (Gardner & Qualter, 2009; Leible & Snell, 2004; Furnham & Rosen, 2016; Ling et al., 2018). Nesses estudos, especificamente, ocorreram a relação dos transtornos com a faceta do gerenciamento emocional, quando avaliado enquanto habilidade, e ao avaliar a relação enquanto traço, obtiveram relações entre a percepção emocional e o gerenciamento de emoções dos outros com os transtornos de personalidade.

Ainda de acordo com os estudos obtidos da revisão sistemática da literatura, no que concerne à relação entre a IE, enquanto avaliada somente por desempenho, e os transtornos de personalidade (TP) através de inventários, os fatores da IE têm obtido correlações negativas e significativas com os transtornos de personalidade. Entretanto, a grande maioria das pesquisas obtidas pela revisão, dizem respeito ao estudo da correlação da IE de maneira geral e com o uso do instrumento MSCEIT (Mayer et al., 1999) somente com o TP borderline (Beblo et al., 2010; Gardner & Qualter, 2009; Jahangard et al., 2012; Janke et al., 2018; Juanmartí et al., 2019; Leible & Snell, 2004; Pastuszak, 2012; Peter et al., 2013; Peter et al., 2018; Webb & McMurrin, 2008), com o TP antissocial (Copestake et al., 2013; Curci et al., 2017; Ermer et al., 2012; Edwards et al., 2018; Gómez-Leal et al., 2018; Megías et al., 2018; Vidal et al., 2010) e um único com TP Esquizotípico (Aguirre et al., 2008).

Apenas uma pesquisa dentre a revisão, porém que não se enquadrava nos critérios de inclusão final à contagem dos estudos, propôs o estudo da IE com os transtornos de personalidade de uma maneira mais ampla (Ruiz et al., 2012), entretanto o estudo em

questão utilizava de instrumentos de autorrelato para averiguar a IE. Neste estudo, realizado com participantes de 18 a 60 anos, o estudo foi feito com a população geral, e os pesquisadores obtiveram correlações significativas entre a IE e a maioria dos TPs. Os autores ainda forneceram considerações acerca dos dados obtidos e apontaram que embora pela ausência de literatura e das presentes limitações, a interpretação destes dados não pôde ser concludente.

A partir dos estudos encontrados, percebe-se que gradualmente investigações estão sendo realizadas sobre a relação da IE com os transtornos de personalidade, o que possibilitaria incluir no DSM (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5.^a edição; APA, 2013) em suas futuras edições, o conceito da IE (Martskvishvili & Metsvirishvili, 2014). Porém para que o conceito seja incluso, é preciso que seja feito um conjunto sólido de dados de pesquisas envolvendo essa relação com todos os transtornos de personalidade, visto que a maioria das pesquisas se concentram em avaliar a relação da IE com os TPs borderline e antissocial.

Ademais, nas discussões do estudo de Leible e Snell (2004), os autores elencaram que alguns aspectos da inteligência emocional estão associados sistematicamente com vários transtornos de personalidade. Diante disso, uma vez que as emoções estão relacionadas aos transtornos de personalidade, a IE pode ser considerada como uma variável também relacionada aos transtornos, pois uma desregulação das emoções, bem como da IE, que corresponde a habilidade de raciocinar e gerenciar as emoções próprias e alheias, poderia alterar a forma pela qual o indivíduo se relaciona com o seu meio. Entretanto, embora já em 2004 os pesquisadores apontassem tais considerações, ainda se mostra necessário um maior escopo de pesquisas que continuem a dar investigação à esta relação.

Por fim, de acordo com a hipótese deste trabalho, de que exista uma influência de dupla-via entre a I.E. e os transtornos de personalidade e seus sintomas (Berenbaum et al., 2006; Gardner & Qualter, 2009; Jahangard et al., 2012; Leible & Snell, 2004), propõe-se que a inteligência emocional possa ter um caráter protetivo para o bem-estar e convívio com o meio das pessoas por envolver um padrão estável de pensar, sentir e se relacionar, no entanto, quando há um transtorno, tal padrão tende a ser instável. As emoções e consequentemente a inteligência emocional estariam relacionadas aos transtornos, uma vez que não haveria a percepção das emoções pessoais e alheias ao indivíduo, bem como da regulação dessas emoções, e que poderiam contribuir para o desenvolvimento e estabelecimento dos transtornos de personalidade. Esse presente trabalho tem como finalidade contribuir para expandir o escopo de pesquisas que buscam uma compreensão mais consistente de como a inteligência emocional e os transtornos da personalidade se relacionam, e consequentemente, poder auxiliar para a construção de estratégias interventivas de desenvolvimento da inteligência emocional para o melhor bem-estar das pessoas acometidas por algum dos transtornos da personalidade.

Objetivos

Objetivo Geral

Verificar a relação entre a inteligência emocional e os traços patológicos de personalidade em adultos.

Objetivos Específicos

- Verificar o desempenho em inteligência emocional da amostra nos testes de inteligência emocional relacionados à de Percepção emocional e à Regulação emocional;

- Verificar o perfil dos traços patológicos de personalidade obtidos pela amostra por meio do IDCP-2;
- Verificar a relação entre os testes de percepção e regulação emocional com os traços patológicos de personalidade do IDCP-2;
- Verificar a relação entre os testes de percepção e regulação emocional com os traços patológicos de personalidade do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 101 adultos com média de idade de 26,07 anos ($DP = 7,46$), mínimo de 19 e máximo de 60 anos, sendo 61 (60,40%) participantes do sexo biológico feminino e 40 (39,60%) participantes do sexo biológico masculino. No que diz respeito à escolaridade, 1 pessoa (menos de 1%) em cada uma das seguintes categorias relataram ter: o Ensino Fundamental incompleto, o Ensino Fundamental Médio incompleto e o Doutorado completo. Para as demais escolaridades, a amostra se dividiu em 12 pessoas (11,9%) para o Ensino Médio completo, 50 (49,5%) para o Ensino Superior incompleto, 25 (24,75%) para o Ensino Superior completo e 11 (10,89%) para o Mestrado completo. A renda dos participantes está distribuída da seguinte forma: a amostra possui uma média de participantes com renda de entre 1 a 4 salários mínimos, 18,8% relataram possuir até 1 salário mínimo por pessoa; 29,7% entre 1 a 2 salários mínimos por pessoa, 30,7% de 2 a 4 salários mínimos, 13,9% entre 4 e 6 salários mínimos por pessoa, e 6,9% acima de 6 salários mínimos por pessoa.

Materiais

Questionário socioeconômico

Este questionário que foi elaborado pelo pesquisador especificamente para esta pesquisa, é constituído por nove questões fechadas sobre: idade, sexo, gênero, etnia-raça, nível de escolaridade, local específico de nascimento, data de nascimento, local de residência e renda média familiar *per-capita*. A elaboração e utilização deste instrumento teve por objetivo obter informações socioeconômicas dos participantes que constituíram a amostra.

Bateria de Inteligência Emocional – BIE (Correia e Bueno, 2013; Oliveira & Bueno, 2013; Lira e Bueno, 2020)

Esta bateria de testes é composta por três facetas da inteligência emocional: percepção, compreensão e regulação das emoções. Tais facetas são mensuradas por desempenho e estão dentre as quatro postuladas por Salovey e Mayer (2002). Entretanto, para esta presente pesquisa apenas os testes que averiguam a percepção e a regulação das emoções foram utilizados.

Teste de Percepção de Emoções (Correia & Bueno, 2013), Versão Online. Nesta presente pesquisa o teste foi disponibilizado no formato online. O teste é dividido em duas partes, cada uma dessas partes com 12 imagens, totalizando 24 imagens que são apresentadas ao participante, no qual devem assinalar em um quadro contendo reações que as fotos lhe causam. Nesse mesmo quadro, contém a cada imagem, cinco desses substantivos correspondentes às possíveis reações, que são avaliados de 1 (nada) à 5 (muito): admiração, alegria, amor, ansiedade, confiança, expectativa, medo, nojo, prazer, raiva, surpresa, tristeza. O teste possui, antes de cada uma das partes, uma seção específica que contém as instruções de como responder ao instrumento. Nessa orientação,

é solicitado ao participante que preste atenção nas figuras apresentadas e tente captar as emoções que elas provocam no indivíduo. A pontuação do instrumento é calculada de acordo com a porcentagem de respostas iguais dos participantes, por exemplo, caso 50% dos respondentes escolheram a alternativa 2 para determinada figura, a pontuação para esta alternativa será de 50 pontos na amostra.

Teste de Regulação de Emoções (Lira & Bueno, 2013), Versão Online. Nesta presente pesquisa o teste foi disponibilizado no formato online. O teste é constituído por oito histórias sobre pessoas em diversas situações. Para cada história, são apresentadas três estratégias que podem ser tomadas para lidar com a emoção envolvida na situação. É solicitado ao participante que avalie o quão eficaz é cada uma dessas estratégias atribuindo números de 1 (muito ineficazes) à 5 (muito eficazes). A pontuação desse instrumento segue as mesmas configurações do instrumento de Percepção Emocional.

Inventário Dimensional Clínico da Personalidade-2 (IDCP-2) (Carvalho & Primi, 2019), Versão Online

Nesta presente pesquisa o teste foi disponibilizado no formato online. O IDCP-2 trata-se de um instrumento de autorrelato que avalia traços patológicos da personalidade, composto por 206 itens distribuídos em 12 dimensões que são apresentados na tabela 1: Dependência, Agressividade, Instabilidade de humor, Excentricidade, Necessidade de atenção, Desconfiança, Grandiosidade, Isolamento, Evitação a críticas, Autossacrifício, Conscienciosidade e Impulsividade. Os itens são dispostos a partir de uma escala Likert de quatro pontos variando de "não tem nada a ver comigo" (1) à "tem muito a ver comigo" (4).

Tabela 1

Descrição das definições das dimensões do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade-2 - Carvalho & Primi, 2018 (p.27).

Dimensões	Descrição
1. Dependência	Sentimento de ser menos capaz que os outros, temor em ser abandonado pelas pessoas de que gosta e posicionamento submisso com necessidade de que os outros tomem decisões importantes para si
2. Agressividade	Condutas física e moralmente agressivas, com interesse por violência, além de raiva e comportamentos repressores e de imposição
3. Instabilidade de humor	Oscilação no humor, com tendências para impulsividade, sentimento de culpa, descontrole, ansiedade e tristeza
4. Excentricidade	Desinteresse interpessoal, crença em fenômenos paranormais, estar sendo vigiado e perseguido, e sobre os outros o perceberem como estranho, incluindo distanciamento da realidade e rebaixamento nas emoções
5. Necessidade de atenção	Comportamentos de manipulação e sedução, com exagero na expressão dos sentimentos, buscando ser o centro das atenções, além de necessidade de estar entre as pessoas e crenças sobre ter facilidade em estabelecer relações interpessoais íntimas de maneira fácil e rápida
6. Desconfiança	Suspeita exagera aos outros, crença de que as pessoas sempre querem prejudicá-lo, busca ativa por evitar novas relações interpessoais, necessidade de ter controle e irritabilidade explícita
7. Grandiosidade	Necessidade de ter atenção e reconhecimento das pessoas, acreditando que os outros o invejam, com desinteresse pelas questões alheias, buscando sempre conseguir que as coisas sejam do seu jeito
8. Isolamento	Preferência por não se relacionar com as pessoas, intimamente ou não, esboçando irritação quando em situações sociais, além de dificuldade para se entusiasmar com os eventos cotidianos

9. Evitação a críticas	Exagerada preocupação com o futuro, constrangimento em situações sociais e dificuldade em estabelecer relações sociais ou envolvimento emocional
10. Autossacrifício	Preferência em ajudar os outros mais que a se ajudar, acarretando prejuízos para si, além de exibir humor triste, autodesvalorização e submissão aos outros
11. Conscienciosidade	Dificuldades para lidar com mudanças no cotidiano, além de preocupação com detalhes, necessidade de sempre obter perfeição, foco excessivo em questões laborais, restrição e formalidade interpessoal, emocional e financeira
12. Inconsequência	Impulsividade e imprudência para tomada de decisão, com preferência por situações perigosas, bem como descontrolar, enganar e mentir para atingir seus objetivos

Procedimento

O projeto foi aprovado no Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos e protocolado com o seguinte número 23042719.0.0000.5504, entretanto, foram solicitadas alterações ao CEP devido às mudanças necessárias em decorrência da pandemia por COVID-19 e que também foram aprovadas. Para a coleta, o pesquisador divulgou a pesquisa em convites nas redes sociais, o formulário contendo informações padronizadas acerca do objetivo dos instrumentos e da pesquisa, bem como os critérios para sua participação, solicitando que para quem tivesse interesse ou dúvidas, entrasse em contato com o pesquisador por e-mail ou através das redes sociais para dirimi-las. Com isto, foi feita uma lista de pessoas interessadas em participar da pesquisa e para a qual o pesquisador enviou um e-mail com o link de acesso ao formulário, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os instrumentos em sua versão online.

Ao acessarem o link contendo o formulário enviado pelo pesquisador, o TCLE foi exibido na página inicial. Caso o (a) participante assinalasse a opção de não estar de acordo com o TCLE, o formulário iria cancelar automaticamente o acesso aos instrumentos. O (a) participante somente prosseguiu adiante no formulário e teve acesso aos instrumentos online, caso sua resposta tenha sido afirmativa no TCLE para a participação. Conforme estipulado no item Participante, somente pôde fazer parte da pesquisa o indivíduo que indicou no TCLE o desejo em participar da pesquisa.

Ao ser enviado o e-mail com o link para a participação e respostas aos testes, como é uma aplicação online e autoaplicável, na qual o participante estava apto a realizar sem a presença do pesquisador e no dia, horário e local que considerasse mais conveniente, foram enviadas orientações para que o participante respondesse a pesquisa em local que fosse adequado para a realização da atividade com sigilo, iluminação e sem barulhos intensos, bem como até o dia 30/10/2020, período em que o teste ficou disponível para acesso. No e-mail também foi informado que ao final da pesquisa o participante poderia requerer seus resultados e, caso os quisesse receber, deveria inserir seu nome/codínome e e-mail no TCLE para que obtivesse essa informação posteriormente. O tempo de execução da atividade foi em média, 1 hora.

Análise de Dados

Os resultados foram analisados estatisticamente via *software* IBM SPSS, versão 27.0 e via *software* JASP, versão 13.0. A análise se iniciou pelas estatísticas descritivas dos participantes (utilizando frequência, porcentagem, média, desvio-padrão e mediana). A normalidade dos dados das variáveis avaliadas na amostra foi efetuada com o teste de Shapiro-Wilk. O resultado apresentado indicou que a amostra era assimétrica em variáveis como: Idade, Escores do Teste de Percepção Emocional, Escores do Teste de

Regulação Emocional e Escores das dimensões e fatores do IDCP-2. Portanto, os dados não apresentavam uma distribuição normal e por isso foram analisados de acordo com testes de estatística não-paramétrica, considerando o nível de significância de 5% ($p = 0,05$) (Dancey & Reidy, 2018). Antes das análises para verificar cada objetivo deste presente trabalho, foram obtidas as precisões dos instrumentos para a amostra, considerou-se o índice mínimo de 0,60 (α de Cronbach e Ω de McDonald) conforme sugerido pela Resolução 009/2018 do Conselho Federal de Psicologia para uma precisão satisfatória. Em seguida foram feitas análises para verificar cada objetivo separadamente.

Para o primeiro objetivo que consistiu em *verificar o desempenho em inteligência emocional de cada participante nos testes de inteligência emocional relacionados à de Percepção emocional e à Regulação emocional*, foi feita a análise do desempenho dos participantes nos testes de IE que foram utilizados nesta pesquisa através do uso da estatística descritiva. Para verificar o desempenho nesses testes, as pontuações mínimas e máximas, média, mediana, desvio-padrão foram consideradas.

Para o segundo objetivo relacionado a *verificar o perfil dos traços patológicos de personalidade obtidos por meio do IDCP-2*, foi feita a análise das respostas dos participantes com base na estatística descritiva. Para verificar o perfil da personalidade dos participantes que responderam ao IDCP-2, as pontuações mínimas e máximas, média, mediana, desvio-padrão foram consideradas.

Para o terceiro objetivo que se refere a *verificar a relação entre os testes de percepção e regulação emocional com os traços patológicos de personalidade do IDCP-2*, foi averiguada a relação entre os instrumentos citados. Essa relação foi verificada por meio da correlação de Spearman devido ao fato de que a amostra se mostrou não paramétrica e foi considerada a seguinte interpretação para a análise dos coeficientes de correlação: a) de 0,00 a 0,19 sem relação ou relação não-considerável¹; b) 0,20 a 0,29

relação fraca; c) 0,30 a 0,39 relação moderada; d) 0,40 a 0,69 relação forte; e e) 0,70 a 1,00 relação muito forte (Duffy, Mclean & Monshipouri, 2011).

Para o quarto objetivo foram verificadas as correlações entre os instrumentos de percepção e regulação emocional com os traços patológicos de personalidade do IDCP-2 separando por sexo biológico e idade. Para isto, foi feita a divisão das respostas de acordo com os sexos masculino e feminino, bem como da categorização dos participantes quanto ao fator idade em dois grupos: a) participantes de 18 a 25 anos e b) participantes de 26 anos a 60 anos. A separação por idade desta forma, com base nos 101 participantes, teve como intuito garantir uma similaridade do número de sujeitos em cada um desses grupos.

Para o teste de IE acerca da Percepção Emocional (TPE) foi utilizada a pontuação bruta dos itens do teste, conforme explicado em Materiais, e gerados quatro tipos de escores para o TPE: PESi_1 (Percepção de emoções em contextos situacionais), PESi_2 (Percepção de emoções em contextos sociais), PEOu (Percepção de emoções nos outros) e PES_TT (que corresponde à somatória de PESi_1, PESi_2 e PEOu). Para o teste de Regulação de Emoções (TRE) foi utilizada a pontuação bruta dos itens do teste e gerado três tipos de escores para o TRE: RE_T1 (Estratégias eficazes de Regulação Emocional), RE_T2 (Estratégias ineficazes de Regulação Emocional) e RE_TT (que corresponde à somatória de RE_T1 e RE_T2). E para o IDCP-2 foi utilizado o cálculo das pontuações que é resultante da soma dos escores de todos os itens constituintes de uma única dimensão e dividido pelo número de itens dessa; para cada dimensão é feito esse cálculo.

Resultados

Inicialmente, para que haja uma melhor compreensão às respostas dos participantes em relação aos testes aplicados, serão apresentadas as estatísticas descritivas dos instrumentos utilizados. A Tabela 2 expõe a estatística descritiva obtida nos testes de

Inteligência Emocional (BIE – TPE e TRE) e do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – 2 (IDCP-2).

Tabela 2

Estatística descritiva dos instrumentos

	<i>BIE (TPE + TRE)</i>						
	M	Md	DP	Mín	Máx	α	Ω
Percepção das Emoções em Si_1	40,43	41,87	7,55	19,03	52,46	0,79	0,78
Percepção das Emoções em Si_2	29,11	29,62	4,64	18,46	38,78	0,78	0,71
Percepção das Emoções no Outro	38,95	39,37	4,15	26,56	48,45	0,71	0,69
Percepção das Emoções Total	36,87	37,41	5,58	23,86	46,66	0,81	0,77
Regulação das Emoções Total	41,36	43,77	7,02	19,39	52,68	0,70	0,70
Regulação das Emoções_1	40,61	42,16	8,78	10,63	54,03	0,71	0,66
Regulação das Emoções_2	44,61	46,91	9,82	13,89	61,48	0,48	0,48
	<i>IDCP-2</i>						
	M	Md	DP	Mín	Máx	α	Ω
Dependência (Dimensão)	1,98	1,94	0,50	1,06	3,50	0,90	0,90
Autodesvalorização	1,93	1,86	0,58	1,00	3,43	----	----
Evitação de Abandono	1,81	1,67	0,57	1,00	3,67	----	----
Insegurança	2,24	2,20	0,64	1,00	3,80	----	----
Agressividade (dimensão)	1,77	1,69	0,45	1,00	3,50	0,95	0,95
Antagonismo	1,86	1,00	0,50	1,00	3,29	----	----
Violência	1,69	1,67	0,47	1,00	3,67	----	----
Instabilidade de Humor (dimensão)	2,03	2,00	0,57	1,00	3,75	----	----
Vulnerabilidade	2,08	2,00	0,64	1,00	4,67	----	----
Preocupação Ansiosa	1,94	1,83	0,65	1,00	4,00	----	----
Desesperança	2,07	1,75	0,85	1,00	4,00	----	----
Excentricidade (dimensão)	1,81	1,78	0,50	1,00	2,89	0,81	0,82
Desapego interpessoal	2,37	2,33	0,84	1,00	4,00	----	----
Estilo excêntrico	2,04	1,67	0,95	1,00	4,00	----	----
Paranormalidade	1,42	1,00	0,68	1,00	4,00	----	----
Persecutoriedade	1,74	1,67	0,61	1,00	3,33	----	----
Despersonalização	1,56	1,00	0,84	1,00	4,00	----	----
Inexpressividade emocional	1,74	1,67	0,62	1,00	3,33	----	----
Necessidade de atenção (dimensão)	2,01	1,92	0,63	1,00	3,92	0,84	0,84
Sedução e manipulação	1,90	1,67	0,83	1,00	4,00	----	----
Intensidade emocional	2,07	2,00	0,95	1,00	4,00	----	----
Busca por atenção	2,01	1,75	0,77	1,00	4,00	----	----
Superficialidade interpessoal	2,06	2,00	0,82	1,00	4,00	----	----

Desconfiança (dimensão)	2,30	2,33	0,61	1,28	3,94	0,89	0,88
Suspiciosidade	2,24	2,20	0,75	1,00	4,00	----	----
Desconfiança nas relações	2,76	2,75	0,72	1,00	4,00	----	----
Controle	2,04	2,00	0,80	1,00	4,00	----	----
Enganosidade alheia	2,03	2,00	0,76	1,00	4,00	----	----
Desconfiança irritada	2,30	2,33	0,94	1,00	4,00	----	----
Grandiosidade (dimensão)	1,92	1,94	0,50	1,06	3,39	0,81	0,81
Necessidade de reconhecimento	1,76	1,75	0,64	1,00	3,50	----	----
Superioridade	1,61	1,40	0,58	1,00	3,40	----	----
Dominância	1,86	1,80	0,63	1,00	3,60	----	----
Indiferença	2,53	2,50	0,91	1,00	4,00	----	----
Isolamento (dimensão)	2,05	2,06	0,44	1,17	3,17	0,77	0,76
Individualismo	2,5	2,50	0,66	1,17	4,00	----	----
Isolamento social	1,91	1,75	0,66	1,00	3,75	----	----
Evitação de intimidade	2,11	2,00	0,59	1,00	4,00	----	----
Apatia emocional	1,44	1,25	0,62	1,00	4,00	----	----
Evitação a críticas (dimensão)	1,76	1,90	0,44	1,11	2,89	0,81	0,82
Ansiedade	1,58	1,25	0,64	1,00	3,75	----	----
Evitação generalizada	1,95	1,90	0,53	1,10	3,40	----	----
Evitação de relações íntimas	1,47	1,25	0,54	1,00	3,25	----	----
Autossacrifício (dimensão)	2,08	2,11	0,49	1,11	3,39	0,85	0,86
Masochismo	2,32	2,33	0,63	1,00	3,83	----	----
Depressividade	2,45	2,50	0,77	1,00	4,00	----	----
Desesperança autodirigida	1,60	1,25	0,61	1,00	4,00	----	----
Submissividade	1,84	2,00	0,58	1,00	3,50	----	----
Conscienciosidade (dimensão)	2,17	2,13	0,48	1,26	3,26	0,84	0,84
Necessidade de rotina	2,07	2,00	0,77	1,00	4,00	----	----
Preocupação com detalhes	2,52	2,67	0,80	1,00	4,00	----	----
Meticulosidade	2,68	2,75	0,73	1,00	4,00	----	----
Compulsão ao trabalho	1,77	1,75	0,61	1,00	3,25	----	----
Perfeccionismo autodirecionado	1,63	1,50	0,55	1,00	3,75	----	----
Constricção emocional	2,36	2,40	0,73	1,00	3,80	----	----
Inconsequência (dimensão)	1,52	1,44	0,47	1,00	3,44	0,87	0,87
Impulsividade	1,64	1,50	0,58	1,00	3,83	----	----
Tomada de risco	1,39	1,17	0,51	1,00	3,50	----	----
Enganosidade	1,53	1,17	0,64	1,00	3,33	----	----

Os testes de Inteligência Emocional da BIE (TPE e TRE) que foram utilizados nesta pesquisa utilizam o cálculo de suas pontuações por concordância com a maioria, ao comparar a resposta dos participantes com as respostas obtidas por consenso da amostra. As análises descritivas acerca desses instrumentos demonstram que a média da amostra,

para todos os fatores de todos os testes da BIE foi semelhante à de outras pesquisas que utilizaram os mesmos instrumentos de Percepção Emocional e Regulação Emocional (Costa, 2020; Ferrari, 2020).

Como até o presente momento não há uma normatização para esses instrumentos de IE que foram utilizados, para verificar o desempenho dos participantes observou-se se a média estava mais próxima ou distante da pontuação máxima. Sendo assim, para todos os fatores do instrumento de Percepção das Emoções, isto é, para Percepção das Emoções em Si_1, Percepção das Emoções em Si_2, Percepção das Emoções no Outro e Percepção das Emoções Total, a média estava mais próxima da pontuação máxima. E para todos os fatores do instrumento de Regulação das Emoções, isto é, para Regulação das Emoções_1 (eficaz), Regulação das Emoções_2 (ineficaz) e Regulação das Emoções Total a média também esteve mais próxima da pontuação máxima.

No que concerne à confiabilidade de cada um dos fatores que compõem os testes da BIE utilizados, a grande maioria deles obteve níveis de confiabilidade igual ou superior a 0,6, apontado como satisfatório pela Resolução 09/2018 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2018): o fator 1 da Percepção das Emoções em si ($\alpha = 0,79$; $\Omega = 0,78$), o fator 2 da Percepção das Emoções em si ($\alpha = 0,78$; $\Omega = 0,71$), a pontuação geral do teste de Percepção ($\alpha = 0,81$; $\Omega = 0,77$), o fator único da Percepção das Emoções no Outro ($\alpha = 0,71$; $\Omega = 0,69$), a pontuação geral do teste de Regulação (α e $\Omega = 0,70$) e o fator 1 da Regulação Emocional ($\alpha = 0,71$; $\Omega = 0,66$). Apenas o fator 2 da Regulação Emocional (α e $\Omega = 0,48$) não atingiu um alfa de Cronbach/ômega de McDonald confiável para o padrão nacional de confiabilidade sugerido pelo CFP (CFP, 2018).

Com base no manual do IDCP-2, e para a normatização dos escores, bem como a obtenção de interpretações gerais, é utilizado o percentil e propostas cinco categorias: Faixa 0-25 - Ausente: Demonstra não possuir aquele funcionamento e, portanto, as

dificuldades relacionadas a ele; Faixa 26-40 - Baixo: Tendência a não apresentar os traços patológicos da dimensão ou do fator, com presença pouco clara do funcionamento; Faixa 41-60 – Moderado/Média: Alguma tendência a apresentar as dificuldades típicas do funcionamento avaliado; Faixa 61-75 - Alto: Demonstra possuir aquele funcionamento e, portanto, parte das dificuldades relacionadas a ele; Faixa 76-100 – Extremo: Clara tendência relacionada ao funcionamento patológico, exibindo os traços patológicos típicos da dimensão ou fator.

A amostra, após ser analisada através dos percentis sistematizados que estão contidos no manual do instrumento e da Tabela 2, verifica-se que as dimensões: Dependência, Agressividade, Instabilidade de Humor, Excentricidade, Necessidade de atenção, Evitação a críticas, Autossacrifício e Inconsequência enquadram-se na categoria Baixa, cuja tendência é de não apresentar os traços patológicos relacionados dessas dimensões. As dimensões Grandiosidade, Isolamento e Conscienciosidade condizem à categoria Média. Apenas a dimensão Desconfiança está presente na categoria Alta. Não houve dimensões que se enquadraram na categoria Extrema.

A seguir serão apresentados os resultados para o terceiro objetivo desta pesquisa, que corresponde a *verificar a relação entre os testes de percepção e regulação emocional com os traços patológicos de personalidade do IDCP-2*. O objetivo foi verificado através da correlação de Spearman para dados não paramétricos. A correlação entre os instrumentos de IE foi feita com cada uma das doze dimensões do IDCP-2. Os dados desta análise estão contidos desde a Tabela 3 até a Tabela 14.

Dimensão Dependência e Fatores

Tabela 3

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Dependência e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_T T
DEP	-0.13	0.02	-0.07	-0.13	- <0.01	-0.21*	-0.14
Dep 1	-0.10	0.02	-0.05	-0.10	-0.03	-0.24*	-0.19
Dep 2	-0.14	-0.06	-0.07	-0.16	0.03	-0.18	-0.10
Dep 3	-0.08	0.05	-0.03	-0.07	-0.06	-0.11	-0.10

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: DEP – Dependência; Dep 1 – Autodesvalorização; Dep 2 – Evitação de abandono; Dep 3 – Insegurança. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

De acordo com os dados descritos da Tabela 3, é possível verificar que os resultados foram significativos para a correlação negativa entre a dimensão Dependência do IDCP-2 e o fator de Regulação Emocional RE_T2, assim como o fator Dep 1 também possuiu correlação significativa e negativa com esse fator da Regulação Emocional. Ambas correlações significativas que estão presentes na Tabela 3 são fracas (Duffy, Mclean & Monshipouri, 2011).

Dimensão Agressividade e Fatores

Tabela 4

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Agressividade e seus fatores, do IDCP-2

	PESI_1	PESI_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
AGR	-0.10	-0.07	-0.06	-0.12	-0.06	-0.23*	-0.21*
Agr 1	-0.11	-0.09	-0.05	-0.13	-0.08	-0.24*	-0.24*
Agr 2	-0.07	-0.04	-0.06	-0.09	-0.03	-0.20*	-0.17

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: AGR – Agressividade; Agr 1 – Antagonismo; Agr 2 – Violência. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 4, mostra que houve correlação negativa significativa fraca entre a dimensão Agressividade do IDCP-2 com os fatores de Regulação Emocional RE_T2 e RE_TT. Ademais, também foi encontrada correlação negativa significativa fraca entre Agr 1 com os fatores RE_T2 e RE_TT. Outrossim, houve uma correlação negativa significativa fraca entre Agr 2 e RE_T2.

Dimensão Instabilidade de Humor e Fatores

Tabela 5

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Instabilidade de humor e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
IH	-0,08	-0,08	-0,01	-0,10	<0,01	-0,04	-0,03
IH 1	0,06	<0,01	<<0,01	0,04	-0,03	-0,04	-0,03
IH 2	-0,18	-0,06	0,04	-0,20*	0,05	0,03	0,04
IH 3	-0,07	-0,10	-0,10	-0,08	0,02	-0,10	-0,06

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: IH – Instabilidade de humor; IH 1 – Vulnerabilidade; IH 2 – Preocupação ansiosa; IH 3 – Desesperança. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 5 mostra que houve correlação negativa significativa e fraca entre IH 2 do IDCP-2 e o fator de Percepção Emocional PES_TT.

Dimensão Excentricidade e Fatores

Tabela 6

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Excentricidade e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
EXC	-0.05	-0.06	-0.15	-0.05	-0.07	-0.03	-0.07
Exc 1	-0.04	-0.09	-0.12	-0.04	-0.06	-0.01	-0.05
Exc 2	0.05	-0.08	-0.13	<0,01	-0.11	-0.04	-0.08
Exc 3	0.02	0.09	-0.07	0.02	0.10	0.12	0.12
Exc 4	- <0,01	- <0,01	-0.23*	- <0,01	-0.04	-0.15	-0.15
Exc 5	-0.16	-0.11	0.02	-0.13	-0.09	-0.01	-0.05
Exc 6	-0.08	-0.06	-0.16	-0.09	-0.09	-0.08	-0.11

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: EXC – Excentricidade; Exc 1 – Desapego interpessoal; Exc 2 – Estilo excêntrico; Exc 3 – Paranormalidade; Exc 4 – Persecutoriedade; Exc 5 – Despersonalização; Exc 6 – Inexpressividade emocional. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

De acordo com a Tabela 6, foi encontrada uma correlação negativa significativa e fraca entre Exc 4 do IDCP-2 e o fator de Percepção Emocional PEOu.

Dimensão Necessidade de Atenção e Fatores

Tabela 7

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Necessidade de Atenção e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
NA	0.02	0.08	-0.11	0.03	0.07	-0.08	0.02
NA 1	0.18	0.03	-0.09	0.16	-0.07	-0.14	-0.09

NA 2	<0,01	0.08	-0.07	0.03	0.07	-0.02	0.04
NA 3	-0.06	0.05	-0.15	-0.03	-0.01	-0.12	-0.07
NA 4	0.04	0.08	-0.04	0.05	0.20	-0.06	0.08

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: NA – Necessidade de atenção; NA 1 – Sedução e manipulação; NA 2 – Intensidade emocional; NA 3 – Busca por atenção; NA 4 – Superficialidade interpessoal. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 7 mostra que não foram obtidas correlações significativas que envolvam esta dimensão do IDCP-2 e seus fatores com as demais variáveis dos instrumentos de IE utilizados.

Dimensão Desconfiança e Fatores

Tabela 8

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Desconfiança e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
DESC	-0.22*	0.04	0.06	-0.18	0.08	<0,01	0.02
Desc 1	-0.20*	0.02	0.13	-0.19	0.17	-0.03	0.04
Desc 2	-0.15	-0.05	-0.01	-0.13	- <0,01	-0.03	-0.03
Desc 3	-0.22*	0.06	0.09	-0.18	0.12	<0,01	0.03
Desc 4	-0.02	0.08	-0.13	0.02	-0.11	- <0,01	-0.10
Desc 5	-0.23*	0.04	0.11	-0.19	0.04	< 0,01	<0,01

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: DESC – Desconfiança; Desc 1 – Suspiciosidade; Desc 2 – Desconfiança nas relações; Desc 3 – Controle; Desc 4 – Enganosidade alheia; Desc 5 – Desconfiança irritada. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

De acordo com a Tabela 8, foi obtida correlação negativa e significativa entre a dimensão Desconfiança do IDCP-2 e o fator de Percepção Emocional PESi_1. Outros fatores constituintes desta dimensão do IDCP-2, tais quais Desc 1, Desc 3 e Desc 5 também apresentaram correlação negativa significativa com o fator de PESi_1 do instrumento de IE. Todas as correlações significativas que estão presentes na Tabela 8 são fracas.

Dimensão Grandiosidade e Fatores

Tabela 9

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Grandiosidade e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_T T
GRA	-0.06	-0.09	-0.14	-0.07	<0,01	-0.07	-0.07
Gra 1	-0.11	-0.08	-0.17	-0.11	<0,01	-0.08	-0.07
Gra 2	0.09	-0.06	-0.28**	0.05	-0.15	-0.09	-0.16
Gra 3	-0.03	-0.17	-0.07	-0.07	-0.08	-0.09	-0.12
Gra 4	-0.15	-0.03	- <0,01	-0.14	0.12	-0.05	0.03

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: GRA – Grandiosidade; Gra 1 – Necessidade de reconhecimento; Gra 2 – Superioridade; Gra 3 – Dominância; Gra 4 - Indiferença; Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

Com base nos resultados contidos na Tabela 9 verifica-se que houve correlação negativa significativa e fraca entre o fator Gra 2 do IDCP-2 com o fator PEOu de Percepção Emocional.

Dimensão Isolamento e Fatores

Tabela 10

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Isolamento e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
ISO	-0.12	-0.07	-0.10	-0.12	0.04	-0.12	-0.06
Iso 1	-0.05	0.02	-0.15	-0.05	0.02	-0.03	-0.03
Iso 2	-0.11	-0.06	0.06	-0.09	0.09	-0.08	<0,01
Iso 3	-0.03	0.02	0.09	-0.02	0.05	-0.10	<0,01
Iso 4	-0.15	-0.19	-0.20*	-0.20*	-0.04	-0.15	-0.10

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: ISO – Isolamento; Iso 1 – Individualismo; Iso 2 – Isolamento social; Iso 3 – Evitação de intimidade; Iso 4 – Apatia emocional. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

De acordo com a Tabela 10, houve correlação negativa significativa entre o fator Iso 4 do IDCP-2 com os fatores PEOu e PES_TT, ambos do instrumento de Percepção Emocional. Todas as correlações significativas que estão presentes na Tabela 10 são fracas.

Dimensão Evitação a Críticas e Fatores

Tabela 11

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Evitação a Críticas e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
EC	-0.18	-0.07	-0.19	-0.18	-0.02	-0.19	-0.14

Ec 1	0.03	-0.16	-0.12	-0.03	-0.13	-0.20*	-0.18
Ec 2	-0.26**	-0.07	-0.21*	-0.25*	<0,01	-0.17	-0.11
Ec 3	-0.11	-0.03	-0.08	-0.11	-0.03	-0.11	-0.08

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: EC – Evitação a críticas; Ec 1 – Ansiedade. Ec 2 – Evitação generalizada; Ec 3 – Evitação de relações íntimas. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A partir dos resultados da Tabela 11, verifica-se correlação negativa significativa entre Ec 1 do IDCP-2 com o fator RE_T2 de Regulação Emocional. Ademais, também houve correlação negativa significativa entre Ec 2 com os fatores PEOu e PES_TT de Percepção Emocional. Todas as correlações significativas que estão presentes na Tabela 11 são fracas.

Dimensão Autossacrifício e Fatores

Tabela 12

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Autossacrifício e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
AS	-0.07	-0.01	-0.04	-0.07	-0.01	-0.12	-0.08
As 1	-0.10	0.09	0.06	-0.08	0.13	0.10	0.14
As 2	-0.04	0.01	-0.03	-0.02	-0.02	-0.12	-0.07
As 3	0.09	-0.08	-0.14	0.05	-0.23*	-0.28**	-0.29**
As 4	-0.08	-0.10	-0.06	-0.11	-0.06	-0.13	-0.13

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: AS - Autossacrifício; As 1 – Masoquismo; As 2 – Depressividade; As 3 – Desesperança autodirigida; As 4 – Submissividade. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias

eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 12 mostra que houve correlações negativas significativas entre o fator As 3 do IDCP-2 com os fatores RE_T1, RE_T2 e RE_TT todos pertencentes ao instrumento de Regulação Emocional. Todas as correlações significativas que estão presentes na Tabela 12 são fracas.

Dimensão Conscienciosidade e Fatores

Tabela 13

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Conscienciosidade e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
CON	-0.21*	-0.08	-0.14	-0.19	0.01	<0,01	<0,01
Con 1	-0.27**	0.02	-0.05	-0.24*	-0.09	-0.18	-0.20*
Con 2	-0.03	0.07	0.04	-0.01	0.20*	0.18	0.20*
Con 3	-0.19	0.08	-0.09	-0.13	0.18	0.21*	0.24*
Con 4	-0.03	-0.03	-0.08	-0.04	-0.06	0.01	<0,01
Con 5	-0.16	-0.26**	-0.15	-0.20*	-0.07	-0.18	-0.17
Con 6	-0.15	-0.21*	-0.23*	-0.17	-0.24	-0.09	-0.15

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: CON – Conscienciosidade; Con 1 – Necessidade de rotina; Con 2 – Preocupação com detalhes; Con 3 – Meticulosidade; Con 4 – Compulsão ao trabalho; Con 5 – Perfeccionismo autodirecionado; Con 6 – Constrição emocional. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

De acordo com os dados da Tabela 13, houve correlação negativa significativa entre a dimensão Conscienciosidade do IDCP-2 com o fator PESi_1 de Percepção

Emocional. Também houve correlações negativas significativas entre o fator Con 1 com o fator PESi_1, o fator PES_TT de Percepção Emocional (PE), e o fator RE_TT de Regulação Emocional (RE). O fator Con 2 apresentou correlação negativa significativa com os fatores RE_T1 e RE_TT, ambos pertencentes ao instrumento de RE. O fator Con 3 apresentou correlação negativa significativa com os fatores RE_T2 e RE_TT, ambos também pertencentes ao instrumento de RE. Houve correção negativa significativa entre Con 5 e os fatores PESi_2 e PES_TT, ambos pertencentes ao instrumento de PE. Ademais, foi encontrada correlações negativas significativas entre Con 6 e os fatores PESi_2 e PEOu, ambos pertencentes ao instrumento de PE. Todas as correlações significativas que estão presentes na Tabela 13 são fracas.

Dimensão Inconsequência e Fatores

Tabela 14

Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos instrumentos de IE com a dimensão Inconsequência e seus fatores, do IDCP-2

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_TT	RE_T1	RE_T2	RE_TT
INC	0.05	-0.02	-0.06	0.03	-0.06	-0.30**	-0.21*
Inc 1	0.03	<0,01	-0.04	0.03	-0.04	-0.27**	-0.19
Inc 2	0.08	0.08	-0.06	0.05	-0.13	-0.27**	-0.20*
Inc 3	0.03	-0.02	-0.12	0.01	<0,01	-0.20*	-0.14

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: INC – Inconsequência; Inc 1 – Impulsividade; Inc 2 – Tomada de risco; Inc 3 – Enganosidade. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 14 mostra que houve correlação negativa significativa e moderada, entre a dimensão Inconsequência e RE_T2 de Regulação Emocional (RE). A dimensão também apresentou correlação negativa significativa, porém fraca, com o fator RE_TT pertencente ao instrumento de RE. Os fatores Inc 1 e Inc 3 apresentaram correlação negativa significativa e fraca com o fator RE_T2. O fator Inc 2 apresentou correlação negativa significativa e fraca com os fatores RE_T2 e RE_TT.

Síntese dos resultados das correlações gerais

Tabela 15

Compilação dos dados significativos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2.

	PESi_1	PESi_2	PEOu	PES_T T	RE_T 1	RE_T2	RE_TT	Resultado esperado
DEP	----	----	----	----	----	- 0.21*	-0.21*	Sim
Dep 1	----	----	----	----	----	-0.24*	-0.24*	Sim
AGR	----	----	----	----	----	-0.23*	----	Sim
Agr 1	----	----	----	----	----	-0.24*	-0.24*	Sim
Agr 2	----	----	----	----	----	-0.20*	----	Sim
IH 2	----	----	----	-0.20*	----	----	----	Sim
Exc 4	----	----	-0.23*	----	----	----	----	Sim
DESC	-0.22*	----	----	----	----	----	----	Sim
Desc 1	-0.20*	----	----	----	----	----	----	Sim
Desc 3	-0.22*	----	----	----	----	----	----	Sim
Desc 5	-0.23*	----	----	----	----	----	----	Sim

Gra 2	----	----	-0.28***	----	----	----	----	Não
Iso 4	----	----	-0.20*	-0.20*	----	----	----	Sim
Ec 1	----	----	----	----	----	-0.20*	----	Sim
Ec 2	-0.26*	----	-0.21*	-0.25*	----	----	----	Sim
As 3	----	----	----	----	-0.23*	-0.28**	-0.29**	Sim
CON	-0.21*	----	----	----	----	----	----	Não
Con 1	-0.27**	----	----	-0.24*	----	----	-0.20*	Não
Con 2	----	----	----	----	0.20*	----	0.20*	Não
Con 3	----	----	----	----	----	0.21*	0.24*	Não
Con 5	----	-0.26**	----	-0.20*	----	----	----	Não
Con 6	----	-0.21*	-0.23*	----	----	----	----	Não
INC	----	----	----	----	----	-0.30**	-0.21*	Sim
Inc 1	----	----	----	----	----	-0.27**	----	Sim
Inc 2	----	----	----	----	----	-0.27**	-0.20*	Sim
Inc 3	----	----	----	----	----	-0.20*	----	Sim

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: DEP - Dependência; Dep 1 - Autodesvalorização ; AGR - Agressividade; Agr 1 - Antagonismo; Agr 2 - Violência; IH 2 - Preocupação Ansiosa; Exc 4 - Persecutoriedade; DESC - Desconfiança; Desc 1 - Suspiciosidade; Desc 3 - Controle; Desc 5 - Desconfiança irritada; Gra 2 - Superioridade; Iso 4 - Apatia emocional; Ec 1 - Ansiedade; Ec 2 - Evitação generalizada; As 3 - Desesperança autodirigida; CON - Conscienciosidade; Con 1 - Necessidade de rotina; Con 2 - Preocupação com detalhes; Con 3 - Meticulosidade; Con 5 - Perfeccionismo autodirecionado; Con 6 - Constrição emocional; INC – Inconsequência; Inc 1 – Impulsividade; Inc 2 – Tomada de risco; Inc 3 – Enganosidade.. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 15 apresenta todos os dados significativos obtidos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2. A tabela em questão foi construída para facilitar a discussão dos resultados.

Síntese das correlações dos instrumentos de IE (BIE) e do IDCP-2 separadas por sexo e idade

Tabela 16

Correlações entre o fator PESi_1 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Relação	Feminino	Masculino	18 a 25	26 a 60	Comparação Geral-magnitude
Dep2 x PESi_1	NS	-0.33*	NS	NS	Identificada
AGR x PESi_1	NS	-0,34*	NS	NS	Identificada
Agr 1 x PESi_1	NS	-0.39*	NS	NS	Identificada
IH 2 x PESi_1	NS	-0.39*	NS	NS	Identificada
NA 1 x PESi_1	-0.26*	NS	NS	NS	Identificada
Exc 5 x PESi_1	NS	-0.37*	NS	NS	Identificada
DESC x PESi_1	NS	<u>-0.44**</u>	NS	NS	Maior
Desc 1 x PESi_1	NS	<u>-0.35*</u>	NS	NS	Maior
Desc 2 x PESi_1	NS	-0.33*	NS	NS	Maior
Desc 3 x PESi_1	NS	<u>-0.37*</u>	<u>-0.27*</u>	NS	Maior/Igual
Desc 5 x PESi_1	NS	<u>-0.46**</u>	<u>-0.28*</u>	NS	Maior/Igual
Gra 3 x PESi_1	NS	-0.39*	NS	NS	Maior
Gra 4 x PESi_1	NS	-0.33*	NS	NS	Identificada

ISO x PESi_1	NS	-0.32*	NS	NS	Identificada
Iso 2 x PESi_1	NS	-0.36*	NS	NS	Identificada
EC x PESi_1	NS	-0.43**	NS	NS	Identificada
Ec 2 x PESi_1	NS	<u>-0.47**</u>	NS	NS	Maior
As 2 x PESi_1	NS	-0.32*	NS	NS	Identificada
As 3 x PESi_1	NS	NS	-0.32*	NS	Identificada
As 4 x PESi_1	NS	-0.34*	NS	NS	Identificada
CON x PESi_1	NS	<u>-0.32*</u>	NS	NS	Maior
Con 1 x PESi_1	NS	<u>0.44*</u>	NS	NS	Maior
Con 4 x PESi_1	NS	NS	NS	-0.31*	Identificada
Con 6 x PESi_1	-0.26*	NS	NS	NS	Identificada

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: Dep 2 - Evitação de Abandono; AGR – Agressividade; Agr 1 – Antagonismo; IH 2 - Preocupação ansiosa; Exc 5 – Despersonalização; NA 1 - Sedução e manipulação; NA 3 - Busca por atenção; NA 4 - Superficialidade interpessoal; DESC – Desconfiança; Desc 1 – Suspiciosidade; Desc 2 - Desconfiança nas relações Desc 3 – Controle; Desc 5 - Desconfiança irritada; Gra 3 – Dominância; Gra 4 – Indiferença; ISO – Isolamento; Iso 2 - Isolamento social; Iso 4 – Apatia emocional; EC - Evitação a críticas; Ec 2 - Evitação generalizada; As 2 – Depressividade; As 3; Desesperança autodirigida; As 4 – Submissividade; CON – Conscienciosidade; Con 1 - Necessidade de rotina; Con 4 - Compulsão ao trabalho; Con 6 - Constrição emocional; Inc 1 – Impulsividade; Inc 2 – Tomada de risco. Faceta de IE: PESi_1 – Percepção de Emoções em contextos situacionais. A sigla NS (Não significativo) sinaliza que não foram encontradas correlações significativas para tais fatores da BIE e do IDCP-2. As correlações sublinhadas correspondem aos resultados que foram encontrados de maneira significativa ao analisar os dados de maneira geral e que foram então classificados como “Menor e Maior” em relação à magnitude aos dados gerais, ou “Identificada” que se refere às correlações que foram encontradas ao separar os dados com base no sexo e idade da amostra.

Tabela 17

Correlações entre o fator PESi_2 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Relação	Feminino	Masculino	18 a 25	26 a 60	Comparação Geral-magnitude
Gra 1 x PESi_2	NS	NS	-0.28*	NS	Identificada

Iso 4 x PESi_2	-0.26*	NS	-0.34**	NS	Identificada/Identificada
Con 5 x PESi_2	NS	NS	-0.35**	NS	Maior
Con 6 x PESi_2	NS	NS	-0.33**	NS	Maior

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: ; Gra 1 – Dominância; Iso 4 – Apatia emocional; Con 5 – Perfeccionismo autodirigido; Con 6 - Constrição emocional; Inc 1 – Impulsividade; Inc 2 – Tomada de risco. Faceta de IE: PESi_2 – Percepção de Emoções em contextos sociais. A sigla NS (Não significativo) sinaliza que não foram encontradas correlações significativas para tais fatores da BIE e do IDCP-2. As correlações sublinhadas correspondem aos resultados que foram encontrados de maneira significativa ao analisar os dados de maneira geral e que foram então classificados como “Menor e Maior” em relação à magnitude aos dados gerais, ou “Identificada” que se refere às correlações que foram encontradas ao separar os dados com base no sexo e idade da amostra.

Tabela 18

Correlações entre o fator PEOu (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Relação	Feminino	Masculino	18 a 25	26 a 60	Comparação Geral -magnitude
Exc 4 x PEOu	NS	NS	NS	<u>-0.41**</u>	Maior
Desc 4 x PEOu	NS	NS	NS	-0.32*	Identificada
Gra 2 x PEOu	NS	NS	-0.27*	<u>-0.31*</u>	Igual/Maior
Con 6 x PEOu	NS	NS	<u>-0.32*</u>	NS	Maior

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: Exc 4 – Persecutoriedade; Desc 4 – Enganosidade Alheia; Gra 2 – Superioridade; Con 6 - Constrição emocional. Faceta de IE: PEOu – Percepção de Emoções nos outros. A sigla NS (Não significativo) sinaliza que não foram encontradas correlações significativas para tais fatores da BIE e do IDCP-2. As correlações sublinhadas correspondem aos resultados que foram encontrados de maneira significativa ao analisar os dados de maneira geral e que foram então classificados como “Menor e Maior” em relação à magnitude aos dados gerais, ou “Identificada” que se refere às correlações que foram encontradas ao separar os dados com base no sexo e idade da amostra.

Tabela 19

Correlações entre o fator PES_TT (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Relação	Feminino	Masculino	18 a 25	26 a 60	Comparação Geral -magnitude
----------------	-----------------	------------------	----------------	----------------	------------------------------------

Dep 2 x PES_TT	NS	NS	NS	-0.44*	Identificada
IH 2 x PES_TT	NS	<u>-0.40*</u>	NS	<u>-0.42*</u>	Maior/Maior
IH 3 x PES_TT	NS	NS	NS	-0.34*	Identificada
NA 4 x PES_TT	NS	NS	NS	-0.32*	Identificada
DESC x PES_TT	NS	-0.34*	NS	-0.33*	Identificada/Identificada
Desc 5 x PES_TT	NS	-0.38*	NS	NS	Identificada
Gra 3 x PES_TT	NS	-0.34*	NS	-0.46**	Identificada/Identificada
Ec 2 x PES_TT	NS	<u>-0.37*</u>	NS	NS	Maior
As 4 x PES_TT	NS	NS	NS	-0.39*	Identificada
Con 1 x PES_TT	NS	-0.41**	NS	NS	Identificada
Con 6 x PES_TT	-0.26*	NS	NS	NS	Identificada

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: Dep 2 - Evitação de Abandono; IH 2 - Preocupação ansiosa; IH 3 – Desesperança; NA 4 - Superficialidade interpessoal; DESC – Desconfiança; Desc 5 - Desconfiança irritada; Gra 3 – Dominância; Ec 2 - Evitação generalizada; As 4 – Submissividade; Con 1 - Necessidade de rotina; Con 6 - Constrição emocional; Faceta de IE: PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2. A sigla NS (Não significativo) sinaliza que não foram encontradas correlações significativas para tais fatores da BIE e do IDCP-2. As correlações sublinhadas correspondem aos resultados que foram encontrados de maneira significativa ao analisar os dados de maneira geral e que foram então classificados como “Menor e Maior” em relação à magnitude aos dados gerais, ou “Identificada” que se refere às correlações que foram encontradas ao separar os dados com base no sexo e idade da amostra.

Tabela 20

Correlações entre o fator RE_T1 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Relação	Feminino	Masculino	18 a 25	26 a 60	Comparação Geral-magnitude
IH 3 X RE_T1	NS	-0.34*	NS	NS	Identificada
Exc 4 x RE_T1	NS	-0.25*	NS	NS	Identificada

NA 4 x RE_T1	NS	0.37*	NS	NS	Identificada
Desc 2 x RE_T1	NS	0.39*	NS	0.32*	Identificada/Identificada
Desc 3 x RE_T1	NS	NS	-0.27*	NS	Identificada
Gra 1 x RE_T1	NS	0.34*	NS	NS	Identificada
ISO x RE_T1	NS	0.36*	NS	NS	Identificada
Iso 1 x RE_T1	NS	0.32*	NS	NS	Identificada
Ec 2x RE_T1	NS	0.31*	NS	NS	Identificada
As 3 x RE_T1	<u>-0.27*</u>	NS	NS	NS	Igual
Con 2 x RE_T1	NS	0.46**	NS	NS	Identificada
Con 4 x RE_T1	-0.26*	0.33*	NS	NS	Identificada/Identificada
Con 6 x RE_T1	NS	NS	-0.27*	NS	Identificada
Inc 2 x RE_T1	NS	NS	0.28*	NS	Identificada

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: IH 3 - Desesperança; Exc 4 – Persecutoriedade; NA 4 - Superficialidade interpessoal; Desc 2 - Desconfiança nas relações Desc 3 – Controle; Gra 1 – Necessidade de reconhecimento; ISO – Isolamento; Iso 1 - Individualismo; Ec 2 - Evitação generalizada; As 3 - Desesperança autodirigida; Con 2 -Preocupação com dealhes; Con 4 - Compulsão ao trabalho; Con 6 - Constrição emocional; Inc 2 – Tomada de risco. Faceta de IE: RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional. A sigla NS (Não significativo) sinaliza que não foram encontradas correlações significativas para tais fatores da BIE e do IDCP-2. As correlações sublinhadas correspondem aos resultados que foram encontrados de maneira significativa ao analisar os dados de maneira geral e que foram então classificados como “Menor e Maior” em relação à magnitude aos dados gerais, ou “Identificada” que se refere às correlações que foram encontradas ao separar os dados com base no sexo e idade da amostra.

Tabela 21

Correlações entre o fator RE_T2 (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Relação	Feminino	Masculino	18 a 25	26 a 60	Comparação Geral-magnitude
Dep 2 x RE_T2	NS	NS	-0.28*	NS	Identificada

Agr 1 x RE_T2	NS	NS	<u>-0.29*</u>	NS	Igual
Exc 3 x RE_T2	NS	NS	NS	-0.32*	Identificada
Exc 5 x RE_T2	NS	0.35*	NS	NS	Identificada
NA 1 x RE_T2	NS	NS	-0.27*	NS	Identificada
NA 3 x RE_T2	NS	-0.40*	NS	NS	Identificada
Iso 4 x RE_T2	NS	NS	-0.30*	NS	Identificada
EC x RE_T2	NS	NS	-0.30*	NS	Identificada
Ec 1 x RE_T2	NS	NS	-0.40**	NS	Identificada
As 1 x RE_T2	NS	0.38*	NS	NS	Identificada
As 2 x RE_T2	NS	NS	-0.26*	NS	Identificada
As 3 x RE_T2	NS	NS	<u>-0.40**</u>	NS	Maior
Con 3 x RE_T2	<u>0.36**</u>	NS	NS	<u>0.35*</u>	Maior/Maior
INC x RE_T2	NS	NS	<u>-0.42***</u>	NS	Maior
Inc 1 x RE_T2	<u>-0.36**</u>	NS	<u>-0.33**</u>	NS	Maior/Maior
Inc 2 x RE_T2	NS	NS	<u>-0.31*</u>	NS	Maior
Inc 3 x RE_T2	NS	NS	<u>-0.39**</u>	NS	Maior

*p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: Dep 2 - Evitação de Abandono; Agr 1 – Antagonismo; Exc 3 – Paranormalidade; NA 1 - Sedução e manipulação; NA 3 - Busca por atenção; EC - Evitação a críticas; Ec 1 - Ansiedade; As 1 – Masoquismo; As 2 – Depressividade; As 3; Desesperança autodirigida; Con 3 - Meticulosidade; Inc 1 – Impulsividade; Inc 2 – Tomada de risco; Inc 3 – Enganosidade. Faceta de IE: RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional. A sigla NS (Não significativo) sinaliza que não foram encontradas correlações significativas para tais fatores da BIE e do IDCP-2. As correlações sublinhadas correspondem aos resultados que foram encontrados de maneira significativa ao analisar os dados de maneira geral e que foram então classificados como “Menor e Maior” em relação à magnitude aos dados gerais, ou “Identificada” que se refere às correlações que foram encontradas ao separar os dados com base no sexo e idade da amostra.

Tabela 22

Correlações entre o fator RE_TT (BIE) com os fatores e dimensões do IDCP-2 ao separar por sexo e idade.

Relação	Feminino	Masculino	18 a 25	26 a 60	Comparação Geral-magnitude
Agr 1 x RE_TT	NS	NS	<u>-0.28*</u>	NS	Igual
Exc 4 x RE_TT	NS	0.42**	-0.26*	NS	Identificada/Identificada
Desc 2 x RE_TT	NS	NS	NS	-0.35*	Identificada
Iso 4 x RE_TT	NS	NS	-0.27*	NS	Identificada
Ec 1 x RE_TT	NS	NS	-0.36**	NS	Identificada
As 1 x RE_TT	NS	0.37*	NS	NS	Identificada
As 3 x RE_TT	NS	NS	<u>-0.44**</u>	NS	Maior
Con 1 x RE_TT	NS	NS	NS	<u>-0.40*</u>	Maior
Con 3 x RE_TT	<u>0.33*</u>	NS	NS	<u>0.38*</u>	Maior
Con 4 x RE_TT	NS	0.32*	NS	NS	Identificada
INC x RE_TT	NS	NS	<u>-0.37**</u>	NS	Maior
Inc 2 x RE_TT	<u>-0.29*</u>	NS	<u>-0.30*</u>	NS	Maior/Maior
Inc 3 x RE_TT	NS	NS	-0.38**	NS	Identificada

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: Agr 1 – Antagonismo; Exc 4 – Persecutoriedade; Desc 2 – Desconfiança nas relações; Iso 4 – Apatia emocional; Ec 1 – Ansiedade; As 1 – Masoquismo; As 3; Desesperança autodirigida; Con 1 - Necessidade de rotina; Con 3 - Meticulosidade; Con 4 – Compulsão ao trabalho; INC – Inconsequência; Inc 2 – Tomada de risco; Inc 3 – Enganosidade. Faceta de IE: RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2. A sigla NS (Não significativo) sinaliza que não foram encontradas correlações significativas para tais fatores da BIE e do IDCP-2. As correlações sublinhadas correspondem aos resultados que foram encontrados de maneira significativa ao analisar os dados de maneira geral e que foram então classificados como “Menor e Maior” em relação à magnitude aos dados gerais, ou “Identificada” que se refere às correlações que foram encontradas ao separar os dados com base no sexo e idade da amostra.

As tabelas de número 16 a 22 apresentam as correlações significativas encontradas ao separar os dados por sexo e idade. Nessas tabelas estão expostos os dados obtidos, bem como da comparação com os dados gerais no que concerne a magnitude das correlações e estão classificadas como correlações maiores, menores, iguais ou identificadas ao separar por sexo e idade. Os dados sublinhados sinalizam os resultados entre fatores dos instrumentos de IE com o IDCP-2 que também foram encontrados ao analisar os dados de maneira geral, isto é, sem distinção pelas variáveis sexo e idade.

Com base nestes achados, a grande maioria das correlações encontradas ao separar por sexo e idade mostram que novas correlações foram identificadas quando em comparação à análise geral. Ademais, para as correlações DESC x PESi_1 e Desc 5 x PESi_1, as correlações encontradas para o sexo masculino apresentaram o dobro do valor da correlação quando comparados aos dados de maneira geral, evidenciados na Tabela 16.

Os dados da Tabela 19 também mostram que entre a correlação IH 2 x PES_TT para o sexo masculino e para a faixa etária de 26 a 60 anos, os valores das correlações dobraram. E outro resultado que também dobrou corresponde à Con 1 x PES_TT para o sexo masculino e para a faixa etária de 26 a 60 anos.

Síntese dos resultados das correlações separadas por sexo

Tabela 23

Compilação dos dados significativos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2 ao separar por sexo.

PESi_I	PESi_2	PEOu	PES_T T	RE_T1	RE_T2	RE_TT	Resultado esperado
---------------	---------------	-------------	--------------------	--------------	--------------	--------------	-------------------------------

Sexo masculino

Dep 2	-0.33*	----	----	----	----	----	----	Sim
AGR	-0.34*	----	----	----	----	----	----	Sim
Agr 1	-0.39*	----	----	----	----	----	----	Sim
IH 2	-0.39*	----	----	<u>-0.40*</u>	----	----	----	Sim
IH 3	----	----	----	----	-0.34*	----	----	Sim
Exc 4	----	----	----	----	-0.25*	----	0.42**	Sim/Não
Exc 5	-0.37*	----	----	----	----	0.35*	----	Não
NA 3	----	----	----	----	----	----	----	Não
NA 4	----	----	----	----	0.37*	----	----	Não
DESC	<u>-0.44**</u>	----	----	-0.34*	----	----	----	Sim
Desc 1	<u>-0.35*</u>	----	----	----	----	----	----	Sim
Desc 2	-0.33*	----	----	----	0.39*	----	----	Sim/Não
Desc 3	<u>-0.37*</u>	----	----	----	----	----	----	Sim
Desc 5	<u>-0.46**</u>	----	----	-0.38*	----	----	----	Sim
Gra 1	----	----	----	----	0.34*	----	----	Não
Gra 3	-0.39*	----	----	-0.34*	----	----	----	Sim
Gra 4	-0.33*	----	----	----	----	----	----	Sim
Ec 2	----	----	----	<u>-0.37*</u>	----	----	----	Sim
ISO	-0.32*	----	----	----	0.36*	----	----	Sim/Não
Iso 1	----	----	----	----	0.32*	----	----	Não
Iso 2	-0.36*	----	----	----	----	----	----	Sim
EC	-0.43**	----	----	----	----	----	----	Sim

Ec 2	<u>-0.47**</u>	----	----	----	0.31*	----	----	Sim/Não
As 1	----	----	----	----	----	0.38*	0.37*	Não
As 2	-0.32*	----	----	----	----	----	----	Sim
As 4	-0.34*	----	----	----	----	----	----	Sim
CON	<u>-0.44*</u>	----	----	----	----	----	----	Sim
Con 1	----	----	----	-0.41**	----	----	----	Sim
Con 2	----	----	----	----	0.46**	----	----	Não
Con 4	----	----	----	----	0.33*	----	0.32*	Não
Con 6	----	----	----	----	----	----	----	Não

Sexo feminino

NA 1	-0.26*	----	----	----	----	----	----	Sim
Iso 4	----	-0.26*	----	----	----	----	----	Sim
As 3	----	----	----	----	<u>-0.27*</u>	----	----	Sim
Con 3	----	----	----	----	----	0.36**	<u>0.33*</u>	Não
Con 4	----	----	----	----	-0.26*	----	----	Sim
Con 6	-0.26*	----	----	-0.26*	----	----	----	Sim
Inc 1	----	----	----	----	----	<u>-0.36**</u>	----	Sim
Inc 2	----	----	----	----	----	----	<u>-0.29*</u>	Sim

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: Dep 2 - Evitação de Abandono; AGR - Agressividade; Agr 1 - Antagonismo; IH 2 - Preocupação ansiosa; IH 3 - Desesperança; Exc 4 - Persecutoriedade; Exc 5 - Despersonalização; NA 1 - Sedução e manipulação; NA 3 - Busca por atenção; NA 4 - Superficialidade interpessoal; DESC - Desconfiança; Desc 1 - Suspiciosidade; Desc 2 - Desconfiança nas relações Desc 3 - Controle; Desc 5 - Desconfiança irritada; Gra 1 - Necessidade de reconhecimento; Gra 3 - Dominância; Gra 4 - Indiferença; ISO - Isolamento; Iso 1 - Individualismo; Iso 2 - Isolamento social; Iso 4 - Apatia emocional; EC - Evitação a críticas; Ec 2 - Evitação generalizada; As 1 - Masoquismo; As 2 - Depressividade; As 3; Desesperança autodirigida; As 4 - Submissividade; CON - Conscienciosidade; Con 1 - Necessidade de rotina; Con 2 - Preocupação com detalhes; Con 3 - Meticulosidade; Con 4 - Compulsão ao trabalho; Con 6 - Constrição emocional; Inc 1 - Impulsividade; Inc 2 - Tomada de risco. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 - Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 - Percepção de

Emoções em contextos sociais; PEOu – Percepção de Emoções nos outros; PES_TT – Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 – Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 – Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT – Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 23 apresenta todos os dados significativos obtidos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2 ao separar por sexo. A tabela em questão foi construída para facilitar a discussão dos resultados.

Síntese dos resultados das correlações separadas por idade

Tabela 24

Compilação dos dados significativos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2 ao separar por idade.

	PESi_I	PESi_2	PEOu	PES_T T	RE_T1	RE_T2	RE_TT	Resultado esperado
<i>18 aos 25 anos</i>								
Dep 2	----	----	----	----	----	-0.28*	----	Sim
Agr 1	----	----	----	----	----	<u>-0.29*</u>	<u>-0.28*</u>	Sim
Exc 4	----	----	----	----	----	----	-0.26*	Sim
Na 1	----	----	----	----	----	-0.27*	----	Sim
Desc 3	<u>-0.27*</u>	----	----	----	-0.27*	----	----	Sim
Desc 5	<u>-0.28*</u>	----	----	----	----	----	----	Sim
As 3	-0.32*	----	----	----	----	----	----	Sim
Gra 1	----	-0.28*	----	----	----	----	----	Sim
Gra 2	----	----	-0.27*	----	----	----	----	Sim
Iso 4	----	-0.34**	----	----	----	-0.30*	-0.27*	Sim

EC	----	----	----	----	----	-0.30*	----	Sim
Ec 1	----	----	----	----	----	-0.40**	-0.36**	Sim
As 2	----	----	----	----	----	-0.26*	----	Sim
As 3	----	----	----	----	----	<u>-0.40**</u>	<u>-0.44**</u>	Sim
Con 5	----	-0.35**	----	----	----	----	----	Sim
Con 6	----	-0.33**	<u>-0.32*</u>	----	-0.27*	----	----	Sim
INC	----	----	----	----	----	<u>-0.42***</u>	<u>-0.37**</u>	Sim
Inc 1	----	----	----	----	----	<u>-0.33**</u>	----	Sim
Inc 2	----	----	----	----	0.28*	<u>-0.31*</u>	<u>-0.30*</u>	Não/Sim/Sim
Inc 3	----	----	----	----	----	<u>-0.39**</u>	-0.38**	Sim

26 aos 60 anos

Dep 2	----	----	----	-0.44*	----	----	----	Sim
IH 2	----	----	----	<u>-0.42*</u>	----	----	----	Sim
IH 3	----	----	----	-0.34*	----	----	----	Sim
NA 4	----	----	----	-0.32*	----	----	----	Sim
DESC	----	----	----	-0.33*	----	----	----	Sim
Desc 2	----	----	----	----	0.32*	----	-0.35*	Não/Sim
Exc	----	----	<u>-0.41**</u>	----	----	-0.32*	----	Sim
Gra 2	----	----	<u>-0.31*</u>	----	----	----	----	Sim
Gra 3	----	----	----	-0.46**	----	----	----	Sim
As 4	----	----	----	-0.39*	----	----	----	Sim
Con 1	----	----	----	----	----	----	<u>-0.40*</u>	Sim
Con 3	----	----	----	----	----	<u>0.35*</u>	<u>0.38*</u>	Sim

Con 4 -0.31* ---- ---- ---- ---- ---- ---- **Sim**

*p <.05, ** p<.01, *** p<.001

Nota. Optou-se por colocar apenas as iniciais das facetas de cada construto devido ao tamanho da tabela. Facetas do IDCP-2, respectivamente: Dep 2 - Evitação de Abandono; Agr 1 - Antagonismo; IH 2 - Preocupação ansiosa; IH 3 - Desesperança; EXC; Excentricidade; Exc 4 - Persecutoriedade; NA 1 - Sedução e manipulação; NA 4 - Superficialidade interpessoal; DESC - Desconfiança; Desc 2 - Desconfiança nas relações Desc 3 - Controle; Desc 5 - Desconfiança irritada; Gra 1 - Necessidade de reconhecimento; Gra 2 - Isolamento social; Gra 3 - Dominância; Iso 4 - Apatia emocional; EC - Evitação a críticas; Ec 1 - Ansiedade; As 2 - Depressividade; As 3 - Desesperança autodirigida; As 4 - Submissividade; Con 1 - Necessidade de rotina; Con 3 - Meticulosidade; Con 4 - Compulsão ao trabalho; Con 5 - Perfeccionismo autodirigido; Con 6 - Constrição emocional; INC - Inconsequência; Inc 1 - Impulsividade; Inc 2 - Tomada de risco; Inc 3 - Enganosidade. Facetas de IE, respectivamente: PESi_1 - Percepção de Emoções em contextos situacionais; PESi_2 - Percepção de Emoções em contextos sociais; PEOu - Percepção de Emoções nos outros; PES_TT - Somatória de PESi_1 e PESi_2; RE_T1 - Estratégias eficazes de Regulação Emocional; RE_T2 - Estratégias ineficazes de Regulação Emocional; RE_TT - Somatória de RE_T1 e RE_T2.

A Tabela 24 apresenta todos os dados significativos obtidos das correlações entre os escores dos instrumentos de IE com as dimensões e fatores do IDCP-2 ao separar por idade. A tabela em questão foi construída para facilitar a discussão dos resultados.

Discussão

O objetivo principal deste estudo foi verificar a relação entre a Inteligência Emocional e os Traços Patológicos de Personalidade. Mais especificamente, para investigar esta relação, o objetivo principal foi delineado através de objetivos específicos, que compreendem a verificação do desempenho em inteligência emocional de cada participante nos testes relacionados à avaliação de Percepção emocional e de Regulação emocional; a investigação do perfil dos traços patológicos de personalidade obtidos por meio do IDCP-2; e averiguar a relação entre os testes de percepção e regulação emocional da BIE com os traços patológicos de personalidade do IDCP-2. No entanto, inicialmente serão discutidas as estatísticas descritivas que correspondem aos escores obtidos pela amostra nos instrumentos de Inteligência Emocional e no instrumento de traços

patológicos da Personalidade, de acordo com o que está previsto ao primeiro e segundo objetivo específico.

Conforme descrito na introdução, existem dois tipos de medida de Inteligência Emocional: a que se refere a medida por autorrelato que está mais relacionada à atribuição da IE como um traço de personalidade cujas formas de obtenção de respostas são obtidas através da percepção que o sujeito avaliado tem de si mesmo; e a medida da IE por desempenho que a refere como uma capacidade de inteligência e que pode ser mensurada por meio de instrumentos que abrangem tarefas com objetivos de identificar as emoções em diferentes contextos e o uso das emoções para resolução de problemas (Woyciekoski & Hutz, 2010). Neste estudo, os instrumentos de IE utilizados têm como referência a avaliação por desempenho.

Os dados da estatística descritiva dos instrumentos da IE por desempenho, contidos na Tabela 2, mostram que os escores do instrumento de Percepção de Emoções estiveram mais próximos da pontuação máxima do que da pontuação mínima. Para o instrumento de Regulação de emoções, também foi possível observar esta mesma tendência. Diante disso, é possível perceber que os participantes desta pesquisa apresentam uma tendência geral de estarem dentro da média no que concerne aos escores de IE. Na amostra deste estudo, portanto, para a IE enquanto capacidade cognitiva, houve um desempenho médio que permite apontar a presença das habilidades de perceber e regular as emoções, semelhante aos escores obtidos por Costa (2020) e Ferrari (2020). Esse resultado pode estar relacionado a outros fatores que também tendem a influenciar as inteligências de maneira geral (Mayer et al., 2016), e não obstante à IE, tais como o nível educacional médio ou superior dos quais a maioria dessa amostra faz parte, tal como as amostras que foram utilizadas por Costa (2020) e Ferrari (2020), que eram compostas

por participantes universitários e trabalhadores com nível educacional médio e superior, respectivamente.

Quanto aos dados da estatística descritiva do instrumento dos traços patológicos da personalidade, a análise desses dados, que estão contidos na Tabela 2, foi feita com base no manual do instrumento que fornece normas e diretrizes para a interpretação dos dados (Carvalho & Primi, 2019). Esse manual também apresenta a atribuição de categorias para enquadrar os escores obtidos no instrumento, com referência ao nível em que os funcionamentos patológicos estão presentes, podendo variar entre a ausência de determinado funcionamento patológico, baixo nível do funcionamento patológico, nível moderado, nível alto e nível extremo. Essa categorização também serve para indicar ao profissional que utiliza o instrumento a devida atenção que tal perfil pode representar ou requisitar. Essas dimensões e/ou fatores que estiverem dentro das classificações baixo e ausente indicam que os respondentes merecem pouca atenção do profissional; a classificação moderada sugere que o profissional deve ficar alerta e que merece atenção; e as classificações alto e extremo indicam a necessidade de atenção profissional.

Foi possível observar que a amostra deste estudo apresentou na maioria das dimensões um escore correspondente à categoria de baixo nível do funcionamento patológico: Dependência, Instabilidade de humor, Excentricidade, Necessidade de atenção, Evitação a críticas, e Autossacrifício. A amostra também apresentou um escore correspondente à categoria de nível moderado nas dimensões Agressividade, Grandiosidade, Conscienciosidade e Inconsequência. E a única dimensão que está enquadrada na categoria de alto nível de funcionamento patológico foi a Desconfiança. E não houve nenhuma dimensão que estivesse enquadrada na categoria de extremo funcionamento patológico.

No que concerne às correlações entre os instrumentos de IE da BIE e o inventário de traços patológicos da personalidade, há de se salientar novamente que com base nos estudos prévios que foram obtidos através da revisão sistemática da literatura, algumas das pesquisas apontam a existência de uma influência de dupla-via entre os conceitos dos instrumentos de IE e os instrumentos de traços/transtornos de personalidade (Berenbaum et al., 2006; Gardner & Qualter, 2009; Jahangard et al., 2012; Leible & Snell, 2004), logo, esperava-se que dados mostrando correlações entre os construtos fossem obtidos neste presente estudo. Desta forma, portanto, também foi hipotetizado nesta presente pesquisa que as habilidades de IE podem potencializar o surgimento dos transtornos de personalidade -- à medida em que não fossem bem desenvolvidas ou que estivessem comprometidas --, e não obstante, a relação também pode se dar de maneira inversa, no qual uma personalidade patológica com a presença dos transtornos relacionados pode afetar o desenvolvimento ou estabelecimento de habilidades relacionadas à IE.

Ademais, tendo em consideração às correlações obtidas entre os instrumentos de IE da BIE e o inventário de personalidade, serão comentados apenas os resultados que foram significativos em cada dimensão. E os resultados que não foram significativos, tais como a dimensão de Necessidade de atenção e seus fatores, contidos na Tabela 7, podem ter inúmeras variáveis que contribuíram para a não ocorrência das relações, tais como o tamanho da amostra que foi utilizada, o fato desta ser constituída pela população geral, que por não possuir condições clínicas, conseqüentemente pode ter uma menor expressividade nessa dimensão. Também é possível que a relação entre tais variáveis possa não ser existente e significativa ou que a ausência decorra da utilização da modalidade remota dos instrumentos. Ademais no estudo de Miguel et al. (2013) também não foram encontradas correlações negativas e significativas entre um instrumento de IE -- voltado à percepção emocional -- com o IDCP em sua primeira versão.

Conforme apontado na seção dos Resultados, a Tabela 3 mostra que houve correlações negativas, significativas e de magnitudes baixas entre o instrumento de Regulação das emoções, especificamente com o fator de estratégias ineficazes, com a dimensão Dependência e o fator Autodesvalorização do IDCP-2. O dado obtido está de acordo com o que se espera dos construtos. O resultado obtido nesta presente pesquisa pode significar que a autonomia expressa em um menor traço de dependência da personalidade, tende a levar o indivíduo a possuir uma segurança no contexto social e conseqüentemente apresentar uma regulação emocional com estratégias mais ineficazes decorrente da despreocupação em emitir uma resposta comportamental e/ou emocional frente ao contexto.

No que diz respeito à correlação entre os instrumentos de IE da BIE e a dimensão Agressividade, a Tabela 4 mostra a ocorrência de correlações negativas, significativas e de magnitudes baixas entre o instrumento de Regulação das emoções com a dimensão Agressividade e os fatores Antagonismo e Violência. Essas correlações podem indicar que indivíduos com uma maior habilidade de regular suas emoções, tais como a raiva -- que também se configura como uma emoção presente no que se refere ao funcionamento patológico da Agressividade --, tendem a administrar as emoções de maneira mais adaptativa, o que auxilia no desenvolvimento de estratégias pertinentes ao contexto por parte do sujeito e que não se configuram como repressoras ou de imposição, apresentando, portanto, um menor nível de funcionamento patológico relacionado à Agressividade.

No que se refere à correlação entre os instrumentos de IE da BIE e a dimensão Instabilidade de humor do IDCP-2, foi encontrada apenas uma correlação, e sendo esta negativa, significativa e de baixa magnitude para um dos fatores presentes nesta dimensão, de acordo com a Tabela 5. A correlação ocorreu entre o instrumento de Percepção emocional e o fator Preocupação Ansiosa. Tal resultado, é considerado esperado e de

acordo com a literatura (Gardner & Qualter, 2009; Janke et al., 2018; Peter et al., 2013; Peter et al., 2018) uma vez que os indivíduos que são acometidos pelo transtorno apresentam maiores dificuldades na percepção e reconhecimento de expressões faciais quando comparados ao grupo não-clínico. E embora o resultado obtido nesta pesquisa seja fraco, pode significar que as habilidades de IE se relacionam de maneira protetiva ao indivíduo, uma vez que a presença da labilidade emocional é apontada como uma das características diagnósticas do TP borderline (APA, 2013; Paris, 2015).

A Tabela 6 expõe que foi encontrada também apenas uma única correlação envolvendo os instrumentos de IE da BIE e a dimensão de Excentricidade do IDCP-2. Houve correlação negativa e significativa entre o fator de Percepção de Emoções nos outros com um dos fatores da dimensão de Excentricidade: Persecutoriedade. Esse resultado está de acordo com o estudo de Miguel et al. (2013) no que diz respeito à correlação com a percepção emocional e também é condizente com os resultados apontados por Aguirre et al. (2008) no qual pessoas que possuíam o TP esquizotípico apresentavam menores níveis de IE. O dado obtido, portanto, em consonância aos achados, pode apontar que o indivíduo que possui uma maior habilidade de perceber corretamente as emoções alheias, tende a gerar menos expectativas, sentimentos e crenças que não estão de acordo com a realidade, isto é – tende a não possuir a sensação de ser secretamente monitorado. Entretanto, há de salientar que são necessárias mais pesquisas a fim de compreender o papel desta dimensão na prevalência dos Transtornos de Personalidade (Carvalho et al., 2019), e de que forma se dá a relação da IE com o estabelecimento do transtorno associado (Aguirre et al., 2008).

Com base na Tabela 8, que apresenta dados das correlações entre o instrumento de Percepção das emoções e a dimensão Desconfiança do IDCP-2, houve uma correlação negativa, significativa e de baixa magnitude entre o fator de percepção emocional que se

refere à Percepção de Emoções em contextos situacionais e a Desconfiança; outras correlações negativas, significativas e de baixa magnitude também estiveram presentes entre esse mesmo fator de IE e os fatores desta dimensão: Suspiciosidade, Controle e Desconfiança. Os resultados também foram esperados, uma vez que estão de acordo com a literatura dos construtos. Os dados desta pesquisa podem corroborar ao corpo de evidências de que quanto maior a habilidade do indivíduo em perceber as emoções em contextos situacionais, o indivíduo tende a não evitar novas relações interpessoais, uma vez que ao ter ferramentas para a percepção emocional em si, não adotará suspeitas, sem embasamento suficiente, de estar sendo explorado, maltratado ou enganado por outros e que também está de acordo com um dos critérios diagnósticos para o TP paranoide (APA, 2013). A percepção emocional bem desenvolvida pode vir a configurar-se como uma estratégia adaptativa frente a uma melhor necessidade de apuração das situações contextuais do sujeito.

Ainda quanto à discussão da Tabela 8, os resultados também podem apontar que a necessidade de controle do indivíduo pode estar atrelada à tendência em evitar novas relações interpessoais a medida em que essas interações sociais podem levar a uma preocupação excessiva oriunda da imprevisibilidade destas novas configurações de contato. Além disso, a dimensão em questão foi a única que esteve enquadrada na categoria de alto nível de funcionamento patológico, cujo resultado pode ter sido obtido por fatores contextuais pertinentes à amostra durante a participação na pesquisa, tal como a pandemia por COVID-19. Essa questão, pode ter relação com a definição da dimensão que também é definida pela busca ativa por evitar novas relações interpessoais, necessidade de ter controle e irritabilidade explícita – características essas que podem ter sido acentuadas pela pandemia e terem interferido na obtenção deste dado.

Em relação à correlação dos instrumentos de IE da BIE com a dimensão Grandiosidade do IDCP-2, com base na Tabela 9, foi obtida apenas uma correlação significativa, negativa e de baixa magnitude entre um dos fatores do IDCP-2, isto é, o fator Superioridade e a faceta de Percepção de Emoções nos outros. O resultado deste dado é esperado e está de acordo com a proposta teórica da personalidade (Millon, 1979) e dos critérios dos transtornos de personalidade que foram tidos como base para este estudo (APA, 2013).

Ainda quanto ao resultado obtido acerca da dimensão Grandiosidade, o resultado pode ser um indicativo de que indivíduos que apresentam uma habilidade estabelecida de Percepção emocional no que tange à percepção de emoções alheias, podem obter uma compreensão mais apurada das concepções que os outros atribuem ao indivíduo. E consequentemente, portanto, esses indivíduos demonstram uma menor presença das características que compõem a dimensão, tal como tal como a diminuição da crença de que outros o invejam e uma menor rigidez em conseguir as coisas que busca. Essas características também estão de acordo com alguns dos critérios para o diagnóstico do TP narcisista, (APA, 2013).

Quanto à dimensão Isolamento do IDCP-2, conforme demonstrado na Tabela 10, foram encontradas correlações negativas significativas e de baixa magnitude entre a dimensão e o instrumento de Percepção Emocional (IE) com o fator Apatia emocional que compõe a dimensão Isolamento do IDCP-2; também houve a correlação negativa, significativa, e de baixa magnitude entre o fator de Apatia emocional do IDCP-2 com a faceta de Percepção Emocional nos outros, especificamente. Os dados encontrados também estão de acordo com a proposta teórica da personalidade (Millon, 1979) e dos critérios dos transtornos de personalidade que foram tidos como base para este estudo (APA, 2013).

O resultado obtido nesta presente pesquisa tende a apontar que aqueles que não possuem uma habilidade de percepção emocional desenvolvida, podem apresentar uma expressão e percepção das emoções de maneira limitada nas relações interpessoais, ou seja uma maior Apatia Emocional, podendo ocasionar o distanciamento social por parte do sujeito. Ademais, esse embotamento afetivo presente na Apatia Emocional, também se configura como uma defasagem correspondente a alguns dos critérios de diagnóstico para a constatação do TP esquizoide (APA, 2013).

No que tange à correlação entre os instrumentos de IE da BIE com a dimensão de Evitação a críticas do IDCP-2, de acordo com a Tabela 11 foram encontradas correlações negativas, significativas e de baixa magnitude entre as facetas de Percepção de emoções de maneira geral, em si em contextos situacionais, e nos outros com o fator de Evitação generalizada. Não obstante às demais dimensões, estes achados estiveram de acordo com a proposta teórica da personalidade (Millon, 1979) e dos critérios dos transtornos de personalidade que foram tidos como base para este estudo (APA, 2013).

Os resultados obtidos nesta pesquisa podem indicar que indivíduos que não possuem as habilidades de IE relacionadas a percepção de emoções em outro e em si bem desenvolvidas, podem apresentar dificuldades em estabelecer relacionamentos interpessoais e podem desenvolver uma hipersensibilidade acerca de avaliações negativas que possam vir a receber – e que também se configura como uma das características presentes no TP evitativo, cujo transtorno é relacionado à essa dimensão (Carvalho, Sette & Miguel, 2018). Essa aversão às avaliações negativas, também pode estar relacionada à forma como o indivíduo elabora crenças acerca de si e dos outros e conseqüentemente pode ter relação com as ferramentas de percepção emocional das quais dispõe.

Ademais, estes resultados podem indicar que os indivíduos que tendem a apresentar um funcionamento patológico para a dimensão e seus fatores, podem

apresentar uma ausência ou baixa habilidade relacionada à percepção emocional, uma vez que se trata de um dos componentes característicos do diagnóstico do TP evitativa. Esse componente característico do transtorno e que pode estar relacionado com a defasagem de percepção emocional, diz respeito à indivíduos que necessitam de certezas acerca de que serão recebidos positivamente em um contexto social, e em caso de um cenário oposto, não apresentaram disposição para envolvimento interpessoal (APA, 2013).

As correlações obtidas acerca da dimensão Autossacrifício do IDCP-2 com os instrumentos de IE, com base na Tabela 12, apontam que para o fator de Desesperança autodirigida do inventário de personalidade, foram obtidas correlações negativas, significativas e de baixa magnitude entre o fator e o instrumento de Regulação Emocional, bem como houve correlação do fator com as facetas de Estratégias Eficazes e Estratégias Ineficazes de Regulação Emocional, especificamente. Os resultados encontrados também estão de acordo com a proposta teórica da personalidade (Millon, 1979) e dos critérios dos transtornos de personalidade que foram tidos como base para este estudo (APA, 2013).

Os dados obtidos nesta presente pesquisa, sugere que para indivíduos com componentes de regulação emocional bem desenvolvidos, esses podem apresentar uma diminuição ou ausência das crenças acerca de que as próprias ações não trarão frutos favoráveis por culpa própria – tal como a definição do fator, conforme manual do instrumento. Diante de uma situação em que exige a ação do indivíduo para a obtenção de resultados favoráveis, portanto, a RE poderia estar relacionada ao êxito do sujeito em utilizar de estratégias adaptativas para a regulação de suas emoções. Além disso, é necessário salientar que para essa dimensão patológica da personalidade, o transtorno correspondente trata-se do TP masoquista (Carvalho & Primi, 2019), entretanto, esse TP limitou-se a constar apenas em uma discussão no apêndice do DSM-III-R (APA, 1989),

mas que foi retirado e não consta no DSM-IV (1994) e no DSM-V, logo, por esse motivo não foram estabelecidas comparações com o transtorno.

A dimensão Conscienciosidade do IDCP-2, de acordo com a Tabela 13, apresentou correlação negativa e significativa com a faceta de Percepção emocional em contextos situacionais. Os fatores Perfeccionismo autodirecionado e Constrição emocional, ambos do IDCP-2 também apresentaram correlação negativa e significativa com facetas do instrumento de percepção emocional. Quanto às correlações com o instrumento de Percepção emocional, os resultados foram esperados com base na análise dos construtos relacionados, entretanto, diferem dos obtidos por Miguel, Finoto & Miras (2013) que não obtiveram correlações entre percepção emocional e as dimensões da personalidade/TPs associados, isto é, o TP obsessivo-compulsivo, ao utilizar a primeira edição deste inventário de personalidade.

Há também, ainda quanto à dimensão da Conscienciosidade, a presença de correlação positiva e significativa entre Preocupação com detalhes e Meticulosidade com o instrumento de Regulação emocional. Os dados encontrados também estão de acordo com a proposta teórica da personalidade (Millon, 1979) e dos critérios dos transtornos de personalidade que foram tidos como base para este estudo (APA, 2013). Diante de tais resultados, da ausência de escopo de artigos que tratem dessa relação, bem como do potencial impacto disto na qualidade de vida do sujeito, existe a necessidade de que mais estudos sejam feitos para dar andamento de maneira apurada às investigações envolvendo as relações entre essa dimensão da personalidade/transtornos associados e a IE.

Quanto a dimensão Inconsequência, foram obtidas correlações negativas e significativas entre a dimensão e seus fatores – Impulsividade, Tomada de Risco e Enganosidade -- com os instrumentos de IE, conforme a Tabela 14. Foi encontrada uma correlação negativa, significativa e de magnitude moderada entre a dimensão e as

estratégias ineficazes de Regulação Emocional. Também foram encontradas correlações negativas, significativas e de baixa magnitude entre o instrumento de regulação emocional e a dimensão propriamente dita. Ademais todos os fatores constituintes desta dimensão apresentaram correlação negativa, significativa e de baixa magnitude com as estratégias ineficazes de regulação emocional. Esses resultados estão de acordo com a literatura prévia (Copestake et al., 2013; Edwards et al., 2018; Ermer et al., 2012; Miguel et al., 2013; Gómez-Leal et al., 2018; Megías et al., 2018).

Esses resultados da dimensão inconsequência podem indicar que indivíduos que apresentam o TP correspondente à essa dimensão, isto é, o TP antissocial, podem tender a agir impulsivamente e buscar situações perigosas, comportamentos relacionados à déficits emocionais (Kiehl, 2006; Megías et al., 2018). E embora os resultados obtidos acerca da dimensão Inconsequência estejam mais associados com o TP antissocial, a dimensão em questão também está associada ao TP Borderline - transtorno no qual uma das características descritivas corresponde à labilidade emocional (APA, 2013; Paris, 2015) - e que pode indicar que indivíduos que apresentem habilidades relacionadas à IE de maneira desadaptativa ou não desenvolvidas tendem a apresentar uma maior pontuação nesta dimensão.

A seguir estão dispostas as discussões que dizem respeito ao quarto objetivo desta pesquisa, e de acordo com as Tabelas de número 16 a 22, nas quais foram feitas a verificação das correlações entre os instrumentos de percepção e regulação emocional com os transtornos de personalidade do IDCP-2 separando por sexo biológico e idade. De maneira geral, nota-se uma presença maior das correlações negativas e significativas em indivíduos do sexo masculino e de indivíduos de 18 a 25 anos.

De todas as correlações que se destacaram ao separar por sexo, foi observado que para participantes do sexo masculino, as correlações negativas quando comparadas aos

dados gerais apresentaram o dobro de seu valor, bem como a magnitude dessas correlações foi maior. E ao ser feita a comparação desses achados com participantes do sexo feminino é possível observar que existe um maior volume da presença de correlações negativas e significativas para o sexo masculino e que dessa maneira, pode ter acarretado na influência dos dados gerais uma vez que poucas correlações significativas foram encontradas para o sexo feminino. E no que concerne à essas correlações negativas e significativas que se destacaram ao separar a amostra por sexo, os resultados apontam que o aumento dos resultados para o sexo masculino acerca da dimensão da Desconfiança com o fator de Percepção de emoções em contextos situacionais, pode indicar que para esse grupo a tendência de influência de dupla-via tende a ocorrer mais para os homens do que as mulheres.

Outra correlação negativa e significativa que apresentou uma maior magnitude e o dobro do valor em relação às correlações gerais obtidas nessa pesquisa, trata-se da correlação entre IH 2 e PES_TT para o sexo masculino. Esse dado pode indicar que para esse grupo, existe uma maior tendência de influências de dupla-via entre a percepção das emoções e ansiedade, descontrole, tristeza. A medida em que o sujeito tem conhecimento acerca de suas emoções, consegue lidar de melhor maneira com esses outros fatores envolvidos.

Ao ser feita a distinção dos dados por idade, houve uma maior presença do número de correlações em indivíduos de 18 a 25 anos, e poucas para o grupo de 26 a 60 anos, o que pode estar atrelado à baixa frequência de indivíduos que se enquadrariam neste segundo grupo bem como este resultado pode indicar que as correlações gerais tiveram forte influência do primeiro grupo citado. De certo modo, os resultados para a faixa de 18 a 25 anos podem indicar que os indivíduos desta faixa etária tendem a apresentar um maior número de características associadas aos traços patológicos.

Entretanto, embora tenha ocorrido a maior incidência de correlações significativas para a idade de 18 a 25 anos, houve uma correlação negativa significativa entre Con 1 x RE_TT para o grupo de 26 a 60 anos que dobrou o escore da correlação e sua magnitude foi maior quando comparada aos dados gerais. Esse dado pode indicar que uma menor habilidade de inteligência emocional pode proporcionar defasagens em lidar com mudanças do cotidiano e também proporcionar uma formalidade interpessoal, emocional e financeira oriunda de uma menor habilidade de regular suas emoções.

De modo geral, com base nos artigos encontrados para a revisão sistemática da literatura que foi feita por esta pesquisa, apenas dois artigos apontaram para uma maior presença de IE em mulheres adultas do que em homens adultos (Ermer et al., 2012; Edwards et al., 2019), enquanto que os outros estudos não se propuseram em fazer a discussão sob essa perspectiva de distinção pelo sexo biológico. Além disso, os artigos não apontaram diferenças significativas para as correlações entre IE e traços patológicos e/ou transtornos de personalidade ao separar por gênero e/ou idade.

Os resultados desta presente pesquisa, portanto, estiveram de maneira geral, de acordo com os dados presentes na literatura prévia que constaram na revisão sistemática realizada acerca da relação da Inteligência Emocional com os Traços Patológicos e Transtornos de Personalidade. Os resultados estiveram ao encontro da teoria, nos quais as correlações significativas e negativas tendem a ser esperadas entre esses construtos ao se analisar as definições desses e conforme foi pontuado ao longo da discussão.

Ademais, é possível observar que através da comparação desta presente pesquisa com outros estudos, foram obtidos resultados semelhantes e ao encontro da literatura científica, o que pode indicar que a relação está atrelada aos construtos envolvidos e não aos instrumentos que foram utilizados, uma vez que a comparação foi feita com pesquisas que também utilizavam instrumentos diferentes. Outrossim, a obtenção das diversas

correlações significativas, sumarizadas na Tabela 15, sustenta a hipótese desta presente pesquisa acerca da influência de dupla-via entre a IE e os TPs (Berenbaum et al., 2006; Gardner & Qualter, 2009; Jahangard et al., 2012; Leible & Snell, 2004).

A compreensão de como os TPs se relacionam com as habilidades de IE pode fornecer amparo para que mais formas de avaliação sejam construídas, bem como da criação de estratégias de intervenção, tal como apontado por Jahangard et al. (2012) que realizaram um treinamento de IE para indivíduos acometidos com TP Borderline e transtornos depressivos, e que obtiveram resultados positivos quanto à remissão dos sintomas associados ao transtorno de personalidade. Embora não tenham registros na literatura acerca de treinamentos de IE que possam ser utilizados de maneira generalizada a todos os TPs, mostra-se necessário que mais estudos deem abrangência aos treinamentos de IE com os transtornos de personalidade de maneira específica para cada TP.

Há de se considerar ainda que, algumas pesquisas (Santana et al., 2018; Paris, 2015) apontam que os Transtornos de Personalidade (TPs) na maioria dos países, incluindo o Brasil, embora existam formas de avaliar os TPs, não possuem formas de respaldo para que seja feito o tratamento dos indivíduos que possuem esses TPs. E o cenário se mostra ainda mais agravante ao considerar a associação entre os TPs e resultados adversos decorrentes desses à vida do indivíduo (Carvalho & Pianowski, 2020). Os resultados dessa associação vão desde distúrbios de sono, dor crônica e obesidade (Dixon-Gordon et al., 2015), até à diminuição da qualidade de vida (Cramer et al., 2006) e casos ainda mais graves como tentativas de suicídio e de autolesão (Krynska et al., 2006).

Considerações Finais

De acordo com os resultados obtidos por esta presente pesquisa e com base na literatura prévia, ainda se mostra necessário que novas pesquisas deem andamento às investigações acerca dos traços e dimensões patológicas -- assim como seus transtornos associados -- com a IE. Embora exista uma gama considerável de artigos que estudem os transtornos da personalidade, tais como o TP borderline e o TP antissocial, com o construto da IE, durante a revisão sistemática feita para essa pesquisa, foi encontrado apenas um único estudo que buscou investigar a relação de diversos transtornos da personalidade com os escores de instrumentos de IE que avaliavam a percepção e a regulação emocional.

Outrossim, pela ausência de literatura envolvendo inventários de personalidade com as medidas de IE de maneira mais ampla e atuais, fez-se necessário a fim de comparação, a utilização de estudos que utilizaram a primeira versão do IDCP, inventário utilizado nesta presente pesquisa. Outro fator que deve ser considerado, diz respeito à necessidade de mais pesquisas que busquem a expansão da amostra que fora utilizada e a aplicação dos instrumentos utilizados nesta pesquisa em uma população especificamente clínica, a fim de comparação de resultados.

Não obstante, as suposições teóricas que foram discutidas, poderiam ser verificadas em uma maior representatividade da população, para além do que se refere à distinção entre amostra clínica ou geral. É necessário que seja investigado de que maneira essas correlações se comportam em indivíduos ao comparar grupos menores de faixas etárias, uma vez que para esta pesquisa a amostra foi seccionada em apenas dois grupos de idade. E também verificar de que forma as variáveis socioeconômicas tendem a influenciar nesta possível relação, ou de maneira mais específica, como essa relação pode impactar a qualidade de vida da população que já é afetada pelos traços patológicos e transtornos de personalidade.

Entretanto, é necessário pontuar que algumas das limitações encontradas na condução deste trabalho podem ter influenciado a forma como os dados foram obtidos. Embora sejam inúmeras por se tratarem de instrumentos utilizados em avaliação psicológica e não o próprio processo de avaliação que é mais pormenorizado e com o uso de outras técnicas e métodos, as principais influências podem advir do número amostral utilizado, bem como da utilização de instrumentos em sua modalidade remota ou pelo fato da pesquisa ter sido aplicada em contexto de pandemia por COVID-19. Em futuras pesquisas, para uma melhor compreensão da relação dos traços patológicos e transtornos de personalidade com a inteligência emocional, também é de suma importância que sejam utilizados diferentes instrumentos de IE dos que foram utilizados neste estudo, com o intuito de verificar se as correlações entre as dimensões da personalidade se comportam de maneira similar ou diferente às que foram obtidas.

Outra limitação, também está relacionada ao fato de que o instrumento de avaliação dos traços patológicos da personalidade tem como base a avaliação por autorrelato e que tem como escopo obter informações acerca das dimensões da personalidade do sujeito (Carvalho & Primi, 2019) e não fornecer um diagnóstico. Logo, o escore de um participante nas dimensões do IDCP-2 não pode predizer diretamente a presença ou ausência de um transtorno. Para esse fim, existe o IDCP triagem, que fornece através de “positivo ou negativo” se um participante possui ou não o potencial para ser diagnosticado com um transtorno de personalidade, mas que não fora utilizado nesta presente pesquisa.

A compreensão desta relação abordada neste estudo, embora com suas limitações oriundas da ausência de um escopo robusto de literatura que possam ser utilizadas como referências, bem como das variáveis que acercam a amostra conforme discutido anteriormente, pode de todo modo, contribuir para a investigação acerca da temática, uma

vez que se mostra necessário mais estudos para a compreensão mais precisa das correlações obtidas. Este estudo, com a intenção de incrementar o amontado de pesquisas que envolvam os traços patológicos de personalidade e a inteligência emocional, espera-se também que auxilie na aplicação prática para o contexto de trabalho do psicólogo, uma vez que a consolidação do conhecimento acerca do aspecto contextual e emocional do indivíduo pode fornecer informações que contribuam para a identificação e o tratamento dos sujeitos que são acometidos pelos traços patológicos e transtornos de personalidade.

Referências

- Alchieri, J. C., Cervo, C. S., & Núñez, J. C. (2005). Avaliação de estilos de personalidade segundo a proposta de Theodore Millon. *Psico*, 36(2), 4.
- Aguirre, F., Sergi, M. J., & Levy, C. A. (2008). Emotional intelligence and social functioning in persons with schizotypy. *Schizophrenia research*, 104(1-3), 255-264.
- Allport, G. W. (1937). *Personality: a psychological interpretation*. New York: Holt
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th Ed.)*. Washington, DC.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*. 4 ed. Washington D/C, 1994.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais – DSM*. 3 ed. – Revisão. Tradução Lúcia Helena Siqueira Barbosa; revisão técnica Sylvio Giordano Júnior. São Paulo: Manole, 1989.
- Bastian, V. A., Burns, N. R., & Nettelbeck, T. (2005). Emotional intelligence predicts life skills, but not as well as personality and cognitive abilities. *Personality and individual differences*, 39(6), 1135-1145.
- Beblo, T., Pastuszak, A., Gripenstroh, J., Fernando, S., Driessen, M., Schütz, A., ... & Schlosser, N. (2010). Self-reported emotional dysregulation but no impairment of emotional intelligence in borderline personality disorder: an explorative study. *The Journal of nervous and mental disease*, 198(5), 385-388.
- Berenbaum, H., Boden M. T., Baker J. P., Dizen M., Thompson R. J., Abramowitz A. (2006). Emotional correlates of the different dimensions of schizotypal

- personality disorder. *J Abnorm Psychol.* 2006 May;115(2):359-68. doi:
10.1037/0021-843X.115.2.359
- Brackett, M. A., & Mayer, J. D. (2003). Convergent, Discriminant, and Incremental Validity of Competing Measures of Emotional Intelligence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(9), 1147–1158.
<https://doi.org/10.1177/0146167203254596>
- Bueno, M. & Correia, F. M. D. L. (2013). Teste de Percepção de Emoções.
- Butcher, H. (1972). A inteligência humana: Natureza e avaliação. Editora Perspectiva.
- Candeias, A. A., Almeida, L. S., Roazzi, A., & Primi, R. (2008). Inteligência: Definição e medida na confluência de múltiplas concepções.
- Carvalho, L. F. (2008). *Construção e validação do inventário dimensional dos transtornos da personalidade* (Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco).
- Carvalho, L. F. (2017). External validity study of a personality disorders screening test in a community sample. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 44(2), 40-44.
- Carvalho, L. F., Pianowski, G., & Reis, A. M. (2017). Development and Diagnostic Accuracy of the Screening of the Dimensional Clinical Personality Inventory. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 1011-1024.
- Carvalho, L. F., Sette, C. P., & Miguel, F. K. (2018). Investigação do funcionamento clínico da dimensão evitação a críticas do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade 2. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 40(2), 93-103.
- Carvalho, L. F., & Primi, R. Inventário Dimensional Clínico da Personalidade 2 (IDCP-2). 2019.

- Carvalho, L. D. F., Zuanazzi, A. C., & Miguel, F. K. (2019). Pathological personality and quality of life: validity evidences for IDCP-2. *Psicologia: teoria e prática*, 21(2), 21-40.
- Carvalho, L. F. & Pianowski, G. (2020). Dimensional Clinical Personality Inventory 2: antecedents, development, and future improvements. Avoidant version based on the HiTOP. *Avaliação Psicológica*, 19(1), 29-37.
<https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1901.17046.04>
- Copestake, S., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2013). Emotional intelligence and psychopathy: A comparison of trait and ability measures. *Emotion*, 13(4), 691.
- Costa, A. F., & Faria, L. M. S. (2014). Avaliação da inteligência emocional: a relação entre medidas de desempenho e de autorrelato. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 339-346.
- Costa, I. F. (2020). *A relação entre inteligência emocional e mindfulness em estudantes universitários* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos).
- Cramer, V., Torgersen, S., & Kringlen, E. (2006). Personality disorders and quality of life. A population study. *Comprehensive Psychiatry*, 47(3), 178-184.
- Curci, A., Soleti, E., & Manuti, A. (2017). Preliminary data on the role of emotional intelligence in mediating the relationship between psychopathic characteristics and detention terms of property offenders. *Journal of forensic sciences*, 62(5), 1357-1359.
- Dawda, D., & Hart, S. D. (2000). Assessing emotional intelligence: Reliability and validity of the Bar-On Emotional Quotient Inventory (EQ-i) in university students. *Personality and Individual Differences*, 28(4), 797-812.
[https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00139-7](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00139-7)

- Delhom, I., Gutierrez, M., Lucas-Molina, B., & Melendez, J. C. (2017). Emotional intelligence in older adults: Psychometric properties of the TMMS-24 and relationship with Psychological well-being and life satisfaction. *International Psychogeriatrics*, 29(08), 1327–1334.
<https://doi.org/10.1017/S1041610217000722>
- Dixon-Gordon, K. L., Whalen, D. J., Layden, B. K., & Chapman, A. L. (2015). A systematic review of personality disorders and health outcomes. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 56(2), 168–190.
<https://doi.org/10.1037/cap0000024>
- Duffy, S. P., McLean, S. L., & Monshipouri, M. (2011). *Pearson's r correlation*. Recuperado em <http://faculty.quinnipiac.edu/libarts/polsci/Statistics.html>.
- Edwards, B. G., Ermer, E., Salovey, P., & Kiehl, K. A. (2019). Emotional intelligence in incarcerated female offenders with psychopathic traits. *Journal of personality disorders*, 33(3), 370-393.
- Ermer, E., Kahn, R. E., Salovey, P., & Kiehl, K. A. (2012). Emotional intelligence in incarcerated men with psychopathic traits. *Journal of personality and social psychology*, 103(1), 194.
- Evans, T. R., Hughes, D. J., Steptoe-Warren, G. (2014). A conceptual replication of emotional intelligence as a second-stratum factor of intelligence. *Emotion*, 20(3):507-512. doi: 10.1037/emo0000569. Epub 2019 Feb 7.
- Ferrari, I. S. (2020). Inteligência emocional e sua relação com as variáveis profissionais estresse no trabalho, adaptabilidade de carreira e autoeficácia ocupacional. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos).
- Fiori, M. (2009). A new look at emotional intelligence: A dual-process framework. *Personality and Social Psychology Review*, 13(1), 21-44.

- Furnham, A., & Rosen, A. (2016). The dark side of emotional intelligence. *Psychology*, 7(03), 326.
- Gardner, K., & Qualter, P. (2009). Emotional intelligence and borderline personality disorder. *Personality and Individual Differences*, 47(2), 94-98.
- Gómez-Leal, R., Gutiérrez-Cobo, M. J., Cabello, R., Megías, A., & Fernandez-Berrocal, P. (2018). The relationship between the three models of emotional intelligence and psychopathy: A systematic review. *Frontiers in psychiatry*, 9(1), 307.
- Grupo de Pesquisa: Inteligência Emocional. (2020). Recuperado de <https://ie.ufscar.br/>
- Goldenberg, I., Matheson, K., & Mantler, J. (2006). The assessment of emotional intelligence: A comparison of performance-based and self-report methodologies. *Journal of personality assessment*, 86(1), 33-45.
- Hall, Lindzey & Campbell, 2000 - Teorias da personalidade - 4ed. Artmed editora, 1 de jan de 2000. Cap1. *A Natureza da Teoria da Personalidade* (27-40).
- Jahangard, L., Haghghi, M., Bajoghli, H., Ahmadpanah, M., Ghaleiha, A., Zarrabian, M. K., & Brand, S. (2012). Training emotional intelligence improves both emotional intelligence and depressive symptoms in inpatients with borderline personality disorder and depression. *International Journal of Psychiatry in Clinical Practice*, 16(3), 197-204.
- Janke, K., Driessen, M., Behnia, B., Wingenfeld, K., & Roepke, S. (2018). Emotional intelligence in patients with posttraumatic stress disorder, borderline personality disorder and healthy controls. *Psychiatry research*, 264, 290-296.
- <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.03.078>.
- Juanmartí, F. B., Bernal, J. S., Puig, V. F., & Matas, M. S. (2019). Trastorno límite de la personalidad e inteligencia emocional en adolescentes institucionalizados.

International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 19(2), 229-238.

Krysinska, K., Heller, T. S., & De Leo, D. (2006). Suicide and deliberate self-harm in personality disorders. *Current Opinion in Psychiatry*, 19(1), 95-101.

Leible, T. L., & Snell Jr, W. E. (2004). Borderline personality disorder and multiple aspects of emotional intelligence. *Personality and individual differences*, 37(2), 393-404.

Ling, S., Raine, A., Gao, Y., & Schug, R. (2018). The mediating role of emotional intelligence on the autonomic functioning–psychopathy relationship. *Biological psychology*, 136 (1), 136-143.

Lira, C. L. O. B. D & Bueno, M. (2013). Teste de Regulação de Emoções.

MacCann, C., Joseph, D. L., Newman, D. A., & Roberts, R. D. (2014). Emotional intelligence is a second-stratum factor of intelligence: Evidence from hierarchical and bifactor models. *Emotion*, 14 (1), 358-374.

<http://dx.doi.org/10.1037/a0034755>

Martins, A., Ramalho, N., & Morin, E. (2010). A comprehensive meta-analysis of the relationship between emotional intelligence and health. *Personality and Individual Differences*, 49(6), 554–564.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.05.029>

Martskvishvili, K & Metsvirishvili, M. (2014). The relationship between emotional intelligence and personality disorders symptomatology. *Problems of Psychology in the 21st Century*, 8(2),143-151

Matthews, G., Roberts, R. D., & Zeidner, M. (2004). Seven myths about emotional intelligence. *Psychological Inquiry*, 15(1), 179-196.

- Mayer, J. D., DiPaolo, M., & Salovey, P. (1990). Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. *Journal of personality assessment*, 54(3-4), 772-781.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence. *Emotional development and emotional intelligence: Educational implications*, 3, 31.
- Mayer, J. D., Salovey, P. & Caruso, D. R. (1999). MSCEIT Item Booklet (Research Version 1.1.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. (2002). MSCEIT technical manual. Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., & Salovey, P. (2016). The ability model of emotional intelligence: Principles and updates. *Emotion Review*, 8(4), 290-300.
<https://doi.org/10.1177%2F1754073916639667>.
- McGrew, K. S., & Flanagan, D. P. (1998). The intelligence test desk reference (ITDR): Gf-Gc cross-battery assessment. Allyn & Bacon.
- Megías, A., Gómez-Leal, R., Gutiérrez-Cobo, M. J., Cabello, R., & Fernández-Berrocal, P. (2018). The relationship between trait psychopathy and emotional intelligence: a meta-analytic review. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 84(1), 198-203.
- Miguel, F. K., Ogaki, H. A., Inaba, C. M., & de Oliveira Ribeiro, D. (2013). Percepção emocional e inteligência: Contribuições para o modelo CHC. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 1(1), 36-47.
- Miguel, F.K., da Silva Finoto, B. A., & Miras, B. D. (2015). Percepção emocional e traços de personalidade: Estudo de validade divergente. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16(24), 107-120.

- Millon, Theodore (1979). Uma abordagem através da Aprendizagem Biossocial. *Teorias da psicopatologia e personalidade* (p. 332-339). Editora Interamericana.
- Paris, J. A. (2015). A concise guide to personality disorders. Washington: American Psychological Association; 2015.
- Pastuszak, A. (2012). Relationship between emotion regulation and emotional intelligence in borderline personality disorder. *Psychiatria polska*, 46(3), 409-420.
- Peter, M., Schuurmans, H., Vingerhoets, A. J., Smeets, G., Verkoijen, P., & Arntz, A. (2013). Borderline personality disorder and emotional intelligence. *The Journal of nervous and mental disease*, 201(2), 99-104.
- Peter, M., Arntz, A. R., Klimstra, T., & Vingerhoets, A. J. (2018). Different aspects of emotional intelligence of borderline personality disorder. *Clinical psychology & psychotherapy*, 25(1), e51-e59.
- Petrides, K. V., & Furnham, A. (2000). On the dimensional structure of emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 29(1), 313-320.
[https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00195-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00195-6).
- Petrides, K. V., & Furham, A. (2001). Exploratory and explanatory inquiries into the construct of trait emotional intelligence. In *Tenth Biennial Meeting of the International Society for the Study of Individual Differences, Edinburgh, Program and Abstract Book* (p. 11).
- Primi, R. (2003). Inteligência: Avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação Psicológica*, 2(1), 67-77.
- Resolução CFP nº 009/2018. (2018). Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
Recuperado em <http://satepsi.cfp.org.br/docs/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf>.

- Rivers, S. E., Brackett, M. A., & Salovey, P. (2008). Measuring emotional intelligence as a mental ability in adults and children. *The Sage handbook of personality theory and assessment*, 2(1), 440-460.
- Roberts, R. D., Flores-Mendoza, C. E., & Nascimento, E. D. (2002). Inteligência emocional: um construto científico? *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 12 (1), 77-92.
- Roberts, R. D., MacCann, C., Matthews, G., & Zeidner, M. (2010). Emotional intelligence: Toward a consensus of models and measures. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(10), 821-840.
- Ruiz, E., Salazar, I. C., & Caballo, V. E. (2012). Inteligencia emocional, regulación emocional y estilos/trastornos de personalidad. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 20(2).
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(1), 185-221.
- Santana, G. L., Coelho, B. M., Wang, Y. P., Chiavegatto Filho, A. D. P., Viana, M. C., & Andrade, L. H. (2018). The epidemiology of personality disorders in the Sao Paulo Megacity general population. *PloS one*, 13(4):e0195581.
- Schneider, W. J., & McGrew, K. S. (2012). The Cattell-Horn-Carroll model of intelligence. In D. P. Flanagan & P. L. Harrison (Eds.), *Contemporary intellectual assessment: Theories, tests, and issues* (pp. 99-144). New York, NY, US: The Guilford Press.
- Schneider, W. J., & McGrew, K. S. (2018). The Cattell-Horn-Carroll theory of cognitive abilities. In D. P. Flanagan & E. M. McDonough (Eds.), *Contemporary intellectual assessment: Theories, tests, and issues* (p. 73-163). The Guilford Press.

- Seabra, A.G., Laros, J., A., Macedo, E., de C. & Abreu, N. (2014). Inteligência e funções executivas: avaliações e desafios para a avaliação neuropsicológica. *São Paulo: Memnon, Edições Científicas* (p.17-38).
- Sternberg, R. J. (2000). Intelligence and wisdom. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of intelligence* (pp. 631–649). Cambridge University Press.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511807947.029>
- Sternberg, R. J. (2018). The triarchic theory of successful intelligence. In *D. P. Flanagan & E. M. McDonough (Eds.), Contemporary intellectual assessment: Theories, tests, and issues* (pp. 174–194). The Guilford Press.
- Vidal, S., Skeem, J., & Camp, J. (2010). Emotional intelligence: Painting different paths for low-anxious and high-anxious psychopathic variants. *Law and Human Behavior, 34*(2), 150-163.
- Vieira-Santos, J., Lima, D. C., Sartori, R. M., Schelini, P. W., & Muniz, M. (2018). Inteligência emocional: revisão internacional da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 9*(2), 78-99.
- Webb, D., & McMurrin, M. (2008). Emotional intelligence, alexithymia and borderline personality disorder traits in young adults. *Personality and Mental Health, 2*(4), 265-273.
- Wellausen, R. S., Oliveira, S. E. S. de (2016). Psicodiagnóstico e as patologias da personalidade. In: *Claudio Simon Hutz, Denise Ruschel Bandeira, Clarissa Marcell Trentitni, Jefferson Silva Krug. (Org.). Psicodiagnóstico* (1). Porto Alegre: Artmed, 2016, v., p. 274-305.
- Woyciekoski, C., & Hutz, C. S. (2010). Inteligência emocional avaliada por autorrelato difere do construto personalidade? *Psico-USF, 15*(2), 151-159.